

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

ANNE KAROLINE DA CRUZ CASTRO

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO EM
NÍVEIS FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL
11 DE AGOSTO, EM ARACAJU/SE**

**São Cristóvão/SE
2018**

ANNE KAROLINE DA CRUZ CASTRO

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO EM
NÍVEIS FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL
11 DE AGOSTO, EM ARACAJU/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Ciência da Informação da
Universidade Federal de Sergipe para obtenção do
grau de bacharel em Biblioteconomia e
Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari
Coorientadora: Profa. Dra. Niliane Cunha de Aguiar

**São Cristóvão/SE
2018**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

C355h

Castro, Anne Karoline da Cruz

As histórias em quadrinhos na formação do leitor surdo em níveis fundamental e médio: uma experiência na Escola Estadual 11 de Agosto em Aracaju/SE/ Anne Karoline da Cruz Castro; orientadora Prof^a. Dra. Valéria Aparecida Bari. - São Cristóvão, 2018.
99 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da Informação, 2018.

1.História em Quadrinhos 2. Leitura 3. Surdos. I. Bari, Valéria Aparecida, orient. II. Título.

CDU: 030.401

CDD: 030.4

Ficha elaborada pela Bibl. Fabiana Bispo Santos Cruz (CRB-5/1964)

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO EM
NÍVEIS FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL
11 DE AGOSTO, EM ARACAJU/SE**

ANNE KAROLINE DA CRUZ CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal
de Sergipe para obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia e
Documentação.

Nota: _____

Data da Apresentação: _____

Aprovada pela banca examinadora:

Sem correções ()

Com correções ()

**Prof. Dra. Valéria Aparecida Bari
(Orientadora – DCI/UFS)**

**Profa. Dra. Niliane Cunha de Aguiar
(Membro Convidado- Interno - DCI/UFS)**

**Prof. Ms. Antônio Edilberto Costa Santiago
(Membro Convidado- Interno - DCI/UFS)**

**Profa. Dra. Janaina Ferreira Fialho
(Membro Suplente - Interno - DCI/UFS)**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pela presença em minha vida e permitiu que tudo isso acontecesse, não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos, pois é o maior mestre.

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe, com todos os seus colaboradores e seu corpo docente, que oportunizaram a minha formação superior e de meus queridos colegas acadêmicos, na qual hoje se propaga um horizonte superior.

À minha orientadora, Valeria Aparecida Bari, pelo suporte, ensinamentos, correções e apoio no que foi necessário, meu muito obrigada.

À minha coorientadora, Niliane Aguiar, agradeço imensamente pela sua orientação segura e generosidade, em todos os sentidos. Ao meu pai Kleber Dourado Castro (*in memoriam*) que não está aqui para ver essa vitória que também é dele. À minha mãe Vânia Letícia Castro que, com toda garra, amor e incentivo me apoiou incondicionalmente, o meu muito obrigada.

Não posso esquecer-me de Fabiana Bispo, atual bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva, agradeço pela oportunidade de estágio e amizade!!! E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, obrigada.

“Haverá muitas lutas até suas conquistas, as vezes o pensamento de desistir é mais fácil que suportar as adversidades. Mas quem persevera, e cumpre seus objetivos mesmo diante de toda atribulação, será bem-sucedido em seus efeitos”.

Ricardo Alves de Lima

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso “As histórias em quadrinhos na formação do leitor surdo em níveis fundamental e médio, na Escola Estadual ‘11 de Agosto’, em Aracaju/SE” tem como objetivo averiguar a formação leitora dos alunos surdos da educação básica, por intermédio das histórias em quadrinhos, com a utilização de instrumentos acessíveis que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa. O propósito desta investigação é disseminar a informação para os profissionais Bibliotecários, com o intuito de promover a inclusão dos leitores surdos através da mediação de leitura das Histórias em quadrinhos (HQ's). Em virtude desses aspectos, o objetivo principal é demonstrar como é o processo de alfabetização do aluno surdo, com o uso as histórias em quadrinhos, possibilitando aos professores o desenvolvimento das atividades de leitura. A situação-problema se pauta pela necessidade de as escolas despertarem o gosto e o prazer da leitura visual nos estudantes surdos. Para tanto, o estudo é de cunho exploratório, na qual há a necessidade em realizar um levantamento bibliográfico e comparar com os dados coletados, por meio de questionário constituído de perguntas fechadas e abertas. A metodologia consiste na pesquisa-ação, aplicada nos trabalhos de campo em decorrência da observação e leitura dos surdos. Os resultados apontaram que a mediação de leitura com as HQ é fundamental para despertar o interesse do surdo pela leitura, como também para o andamento de alfabetização. Dessa maneira, a pesquisa em questão atingiu o objetivo geral que foi incentivar a leitura com um recurso pedagógico, na evolução de leitura de estudantes surdos.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos. Leitura. Surdos.

ABSTRACT

The conclusion of the course "As the series of training at the elementary and secondary level, at the State School of August 11, in Aracaju / SE", has as objective to investigate the reading formation of the deaf students of basic education, through the comics, with the use of accessible instruments that contribute to the development of the research. The purpose of this research is to disseminate the information to the librarian professionals in order to promote the inclusion of deaf readers through the mediation of comics reading. Because of these aspects, the main objective is to demonstrate how the deaf student's literacy process is, using comics, enabling teachers to develop reading activities. The problem situation is based on the need for schools to awaken the taste and enjoyment of visual reading in deaf students. Therefore, the study is exploratory, in which there is a need to carry out a bibliographic survey and compare it with the data collected, through a questionnaire composed of closed and open questions. The methodology consists of the action research, applied in the field works as a result of the observation and reading of the deaf. The results showed that the mediation of reading with the HQ is fundamental to awaken the deaf people's interest in reading, as well as to the progress of literacy. In this way, the research in question reached the general objective that was to encourage reading with a pedagogical resource, in the evolution of reading of deaf students.

Keywords: Comics. Reading. Deaf.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
CESB	Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro
CRNG	Centro de Reabilitação Ninota Garcia
EBAL	Editora Brasil-América Latina
HQ's	Histórias em Quadrinhos
INES	Instituto Nacional da Educação de Surdos
IPAESE	Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
NBR	Norma Brasileira Registrada
PNE	Plano Nacional de Educação
SAME	Serviço de Assistência à Mendicância
SEE	Secretaria de Educação Especial
SESI	Serviço Social da Indústria
TDD	<i>Telephone Device for Deaf</i>
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UI	Unidade de Informação
USA	União Sergipana de Assistência Clínica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa de “Um contrato com Deus” de Will Eisner	19
Figura 2	Capa da revista O Tico-Tico, 1948	22
Figura 3	Revista Sesinho	24
Figura 4	Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto	71
Figura 5	Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto	72
Figura 6	Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto	72
Figura 7	Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto	73
Figura 8	Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto	73
Figura 9	Capa da História em Quadrinhos “Os gatos: bigodes ao léu”	75
Figura 10	Quadrinhos de: “Os gatos: bigodes ao léu”	76
Figura 11	Capa da história em quadrinho “O ataque dos transtornados monstros de neve: mutantes assassinos”	76
Figura 12	Capa da história em quadrinhos “Fantasmagoriana”	77
Figura 13	Capa da história em quadrinhos “Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”	78
Figura 14	Capa da história em quadrinhos Palestina: uma nação ocupada	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Alunas surdas que participaram da pesquisa, por turma	64
Gráfico 2	Alunos surdos que participaram da pesquisa, por turma	64
Gráfico 3	Resultados da pesquisa da Escala A, alunas e alunos surdos	81
Gráfico 4	Resultados da pesquisa da Escala B, alunas e alunos surdos	82
Gráfico 5	Resultados da pesquisa da Escala C, alunas e alunos surdos	83
Gráfico 6	Resultados da pesquisa da Escala D, alunas e alunos surdos	84

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO LEITURA PARA SURDOS	15
2.1	Histórias em quadrinhos	18
2.2	Histórias em quadrinhos e educação bilíngue	26
2.3	A mediação de leitura e defectologia sob a visão de Vygotsky	27
2.4	O letramento de surdos	30
2.5	O desafio na formação do leitor surdo	33
2.6	Contexto histórico do surdo em Sergipe	36
2.7	Educação inclusiva para surdos de Níveis Fundamental e Médio	42
2.8	A Língua Brasileira de Sinais – Libras	46
2.9	A cultura surda no Brasil e a Educação Inclusiva	49
2.10	Biblioteca inclusiva	54
2.11	A atuação do bibliotecário escolar no atendimento aos surdos	57
3	METODOLOGIA	61
4	ANÁLISE DA PESQUISA	68
4.1	Análise da mediação de leitura das histórias em quadrinhos para a formação do leitor surdo	74
4.2	O perfil do leitor surdo	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	88
	ANEXO A – TCLE	95
	ANEXO B – PESQUISA DE OPINIÃO EM ESCALA LIKERT	96
	ANEXO C – ENTREVISTA	97
	ANEXO D – EXEMPLO DE FICHA DE LEITURA PARA SURDOS	98
	ANEXO E – VOCABULÁRIO DE APOIO	99

1 INTRODUÇÃO

A leitura é, certamente, um dos aspectos mais importantes no processo de aprendizagem do indivíduo, ouvinte ou surdos, pois possibilita aumentar o vocabulário, melhorar a escrita, conhecer os gêneros textuais, estimular a criatividade e fazer com que os surdos compreendam o significado das palavras. A leitura é importante para os seres humanos. No caso do leitor surdo, a leitura vai chamar a atenção, de modo positivo, pois viabiliza e incentiva compartilhar suas histórias com amigos e familiares, como também serve para apropriar-se da fala. Cabe ressaltar que a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua do surdo, enquanto a língua portuguesa é a segunda.

A atual versão da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), afirma que as histórias em quadrinhos são uma fonte de conhecimento que serve como mediação de leitura, uma vez que abordam diversos conteúdos e deve ser utilizado como recurso pedagógico.

A ação para a leitura não é apenas a divulgação da informação e do conhecimento, mas também colocar em prática, trabalhando para gerar novas referências que possibilitem novas criações, estimulando a inclusão e o desenvolvimento do surdo na sociedade.

Partindo desta perspectiva de leitura para a comunidade surda, as histórias em quadrinhos desempenham um papel significativo, visto que esse gênero textual possui propriedades de textos e imagens; além disso, há uma linguagem esquemática e informativa, que envolve e insere a comunidade surda rapidamente na leitura, ou seja, despertando o interesse em ler. Para utilizar as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico, é importante que professores e bibliotecários trabalhem em conjunto, de maneira afetiva, a fim de incentivar a leitura e desenvolver a linguagem.

No entanto, além da inserção das histórias em quadrinhos e outras mídias e linguagens no cotidiano da leitura pública, seja ela de lazer ou escolar, é necessário um trabalho afetivo e psicológico relativo a autoimagem de professores e bibliotecários, para gerar uma relação de segurança e simpatia, para que ocorra o acolhimento à diversidade cultural desses novos elementos em suas práticas profissionais (BARI, 2008, p. 225).

A presente pesquisa trata de um estudo aprofundado sobre a formação do leitor surdo com base em histórias em quadrinhos e pode ter uma continuação após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, pois se verificou a efetividade da ação de observação desenvolvida, que também apoia ao Atendimento Educacional Especializado.

A pesquisa é exploratória, pois tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico que permite manipular, organizar e analisar dos dados e informações que configuram os estudos. As histórias em quadrinhos servem como apoio ao bibliotecário na medição da formação do gosto pela leitura, uma forma de despertar no leitor surdo o hábito da leitura, abrindo um leque de oportunidades.

O principal objetivo da pesquisa é mostrar como é a leitura no processo de alfabetização do aluno surdo, utilizando as histórias em quadrinhos. A necessidade de um estudo exploratório justificou a escolha do tema da pesquisa, para sustentar as ações investigadas na Escola Estadual 11 de agosto, para desenvolver as atividades de leitura visual do aluno surdo.

Para tanto, o objeto de estudo nessa pesquisa são as histórias em quadrinhos, como forma de mediação de leitura e conhecimento que possibilitam novas práticas, instigando a inclusão e desenvolvimento do surdo na sociedade, pois proporciona a aquisição do conhecimento da Libras para a propagação da leitura do surdo ainda criança. Então, foi selecionada a hipótese: é possível incentivar a leitura, através das histórias em quadrinhos.

Diante dessas questões, o objetivo geral deste trabalho é demonstrar a importância e incentivo das histórias em quadrinhos, recurso pedagógico acessível, no processo de leitura para surdos na escola.

Assim, os objetivos específicos foram:

- verificar como os surdos relacionam a leitura da imagem à compreensão leitora dos gêneros histórias em quadrinhos;
- incentivar a leitura através das histórias em quadrinhos, para que ler não seja uma obrigação, mas um prazer;
- possibilitar que os professores desenvolvam atividades de leituras;
- analisar como a fluência na L1 (LIBRAS) contribui para o progresso leitor em relação à leitura das histórias em quadrinhos.

A sala de aula é um lugar de ação importante para o desenvolvimento da formação leitora, já que a atividade de leitura é um instrumento de transmissão de conhecimento e se constitui na base da aprendizagem, que fomenta a reflexão sobre a constituição do surdo como leitor, no qual a própria característica desse leitor se constrói, mostrando a tal influência da leitura para inclusão do surdo na escola, ampliando discussões de questões que ainda estão recentes nos dias de hoje.

Na escola, todas as atividades para os surdos foram planejadas para que o profissional bibliotecário alcance os objetivos junto aos professores pedagogos como um auxílio de aprendizagem estimulando o hábito à leitura. O pedagogo busca resultados no qual muitas vezes não veem de imediato. Com o apoio do bibliotecário e com essas atividades, o profissional vai adquirindo mais habilidades e conhecimentos, tornando, assim, exploratórias as limitações de cada aluno, fazendo com que se sintam à vontade para expor suas sugestões participativas. A ativação dos gostos e hábitos pela leitura dos alunos surdos é essencial para tornar as atividades atrativas, investindo na biblioteca escolar e no Atendimento Educacional Especializado para pôr em prática as ações, para tanto, é fundamental que o acervo esteja atualizado para suprir suas necessidades.

As questões que envolvem a escolarização do sujeito surdo em ter acesso ao aprendizado da sua principal língua, a Libras, leva em conta igualmente a busca pela interação da inclusão nas escolas e bibliotecas, uma vez que os surdos precisam que o ambiente esteja ao seu alcance conforme as suas limitações.

Diante dessas situações, justificou-se que, com ações e abordagens de leituras, criam-se oportunidades para crianças e adolescentes tirarem suas próprias conclusões, com o intuito de desenvolver o senso crítico dentro do contexto escolar, pensar de forma lógica e criativa na solução de problemas, usar informações e comunicar-se efetivamente da sociedade, que é caracterizada por mudanças e contradições.

Busca-se, nessa proposta de pesquisa, trazer incentivos reflexivos para a discussão de melhorias no serviço de referência das bibliotecas escolares em um contexto geral e também a biblioteca da Escola Estadual “11 de Agosto”, para despertar o desejo de estabelecer as melhores abordagens que possibilitem uma relação efetiva com o usuário surdo, estimulando o uso do serviço, com níveis de qualidade satisfatória.

Estruturado em cinco capítulos, o presente estudo apresenta neste capítulo introdutório o panorama geral da temática, a justificativa da pesquisa, sua problemática e os objetivos pretendidos.

No segundo capítulo “Referencial Teórico” discorre-se sobre a definição de Língua Brasileira de Sinais e as teorias que as determinam, ressaltando a mediação de leitura por meio das histórias em quadrinhos como necessidade dos estudantes das escolas públicas e bibliotecas. Reflete-se ainda sobre a qualidade das HQ’s no processo de leitura e a sua importância durante o ensino-aprendizagem. Assim, a mediação de leitura através das histórias em quadrinhos é algo que precisa estar sempre em destaque nas bibliotecas e especialmente na biblioteca escolar, dada sua característica essencialmente voltada para pesquisa.

Já o terceiro capítulo, intitulado “Metodologia” apresenta os procedimentos metodológicos que foram empregados para o desenvolvimento da investigação, assim como o espaço de observação da pesquisa.

O quarto capítulo “Resultados e análises dos dados” destaca os resultados obtidos através da aplicação dos questionários com perguntas abertas e fechadas, apresentando a análise dos dados identificados.

O quinto capítulo, apresenta as “Considerações Finais”, mostrando que os objetivos da pesquisa foram devidamente alcançados e que existe a necessidade de novos estudos sobre a temática.

Com isso, os resultados mostraram e confirmaram o objetivo geral e os objetivos específicos, que o desenvolvimento dessa pesquisa e de outras do mesmo gênero podem contribuir com a Ciência da Informação, a Educação e a inclusão social, bem como motivar os professores, bibliotecários e alunos na prática de mediação de leitura dos alunos surdos das escolas pública e privada.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO LEITURA PARA SURDOS

As histórias em quadrinhos têm como peculiaridade ensinar divertindo, com o propósito de desenvolver a criatividade e a emoção durante o processo de leitura e também o surdo pode compartilhar as histórias em quadrinhos com amigos, colegas, irmãos, surdos ou ouvintes; assim, contribuindo para a formação de novos leitores. As histórias em quadrinhos possuem propriedades, no caso, a mídia e a linguagem, que chamam a atenção do leitor surdo e, conseqüentemente, ativam uma zona do cérebro que o estimula à leitura.

Como as histórias em quadrinhos conquistam os leitores? Elas trazem um texto heterogêneo, composto por imagem e texto. A linguagem é clara, objetiva, esquemática e elucidativa, que propicia uma leitura acolhedora. Além disso, os acervos e coleções das histórias em quadrinhos permitem criar laços sociais entre os leitores da comunidade surda, um fator importante para a socialização do surdo.

Além dessas características, a linguagem das histórias em quadrinhos é universal, antiga e configura-se em ordenação imagética, textual ou sonora, por meio das onomatopeias. Esses recursos asseguram a criação da narrativa, pois trabalham em conjunto para construir um sentido, para que o leitor surdo tenha a facilidade de apropriação e compreensão do conteúdo de leitura.

“Apesar de não buscarem frequentemente a leitura, os estudantes querem ler as histórias em quadrinhos” (VERGUEIRO, 2004, p. 21). Os surdos atualmente também podem desejar, observando os colegas ouvintes. Já o desenho, as linhas, os balões, requadros, onomatopeias, metáforas e as cores nas histórias em quadrinhos servem para representar e descrever: o ambiente, as ações e os personagens na narrativa, com a utilização de elementos que promovem a linguagem.

Como cada desenho nas Histórias em quadrinhos é o resultado de uma seleção de características consideradas importantes, para a narrativa, a linha constitui o elemento comunicativo que vai resultar o reconhecimento visual dos objetos representados. As linhas podem ser puras ou moduladas. A linha pode representar ela mesma um objeto, pode criar um relevo ou superfície, dar ideia de luminosidade, além de representar ações concretas e movimentos. O balão vai indicar a verbalização, através de indicadores visuais. O rabicho aponta para o personagem que está falando. Quando o rabicho é representado por bolinhas, indica que o personagem está pensando; o balão pontilhado indica que o personagem está cochichando; o balão trêmulo indica o temor do personagem durante sua fala; o balão *splash* indica a raiva e alteração de voz do personagem (BARI, 2015, p.133).

Diante de tal complexidade, a autora demonstrou os recursos linguísticos, que compõem as histórias em quadrinhos e podem ser decifrados ligeiramente por indivíduos com pouca experiência em relação à leitura, pois faz referência aos símbolos que a sociedade conhece antes do letramento.

Um fator que intensifica a leitura dos surdos são as histórias em quadrinhos estarem presentes nos contextos escolares, como a sala de aula e bibliotecas, fazendo com que estimule a leitura e facilite a mediação entre professores e bibliotecários.

Comprovadamente, a leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida. [...] O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não se explorou o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos (BARI, VERGUEIRO, 2011, p.4).

As histórias em quadrinhos têm como vantagem, para o surdo, abranger e fazer a mediação do conteúdo informacional, com a agregação de um conjunto de discursos inerentes e a apropriação de conhecimentos pertinentes, proporcionando construir significados ao longo da leitura.

Longe de se constituir uma traição às origens, pré-escrituras, filmagens, jogos, quadrinhos, ilustrações - entre outros produtos da cultura plurimidiática - são versões em que a predominância do caráter recreativo devem torná-las reconhecidas por aquilo que são: pós-produções inter ou intrasemióticas que atualizam um original, reinventando-o para a contemporaneidade; ao fazê-lo, instigam e seduzem o leitor por si mesmas, sem deixar de excitar a curiosidade sobre a obra que lhes é anterior. Pela liberdade com que lidam com os dados significativos e estéticos já existentes, satisfazem à leitura e emancipam a subjetividade leitora para o narrativo-literário e não através dele (MASTROBERTI, 2011, p. 110).

Quando a leitura é concebida por prazer para os surdos, pode enriquecer o vocabulário, desenvolver as habilidades e competências leitoras para demais gêneros textuais, além de mediar a leitura entre grupos. É importante para a formação infanto-juvenil do surdo que utilizará futuramente técnicas escritas no processo de aprendizagem.

Dessa forma, a adaptação deve ser trabalhada a partir da adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário (CARVALHO, 2006, p. 49).

As histórias em quadrinhos como mediação determina as relações entre as pessoas e as leituras, que possibilitam o prazer, o desenvolvimento de gostos e domínios linguísticos dos leitores, que funcionam para o surdo como propriedades particulares para a melhoria da qualidade de vida.

A mediação de leitura ocorrerá onde forem reunidas três condições: ambientes sociais onde haja protagonistas mais e melhor letrados, presença e variedade de linguagem escrita e fatores emocionais que estabeleçam uma conexão entre as pessoas, formando uma situação de leitura. Assim, os espaços e as circunstâncias da leitura também compõem as suas memórias e ressignificações, tanto individuais quanto sociais. A leitura para o surdo não pode ser um mero exercício de fixação da língua, mas tem de ser praticado também com prazer nos ambientes sociais onde convive, à semelhança dos leitores ouvintes (BARI, 2015, p.130-131).

Então, quando a memória social é materializada em diversos contextos sociais, a leitura se torna convidativa e harmônica estabelecendo a mediação com afetividade nos espaços, uma vez que o ambiente é considerado a orientação do sujeito que faz parte da ação. “Os ambientes onde a socialização, em sentido mais amplo, acontece, como escolas, casas de amigos, clubes e bibliotecas, aparecem como lembranças depois das casas familiares” (BARRETO, 2007, p. 48). Para tanto, a mediação de leitura propicia ao surdo o compartilhamento de conhecimentos entre os grupos leitores, sendo que o caminho são as histórias em quadrinhos, pois estas são importantes ao longo do processo de ensino do aluno, já que o compartilhamento de ensino é necessário para a aprendizagem.

2.1 Histórias em quadrinhos

Durante a Pré-História, os habitantes das cavernas registravam, por meio de desenhos, a saga diária e a luta pela sobrevivência, sendo as paredes o único suporte para fazer esses registros. Naquele período, o ser humano fazia a primeira

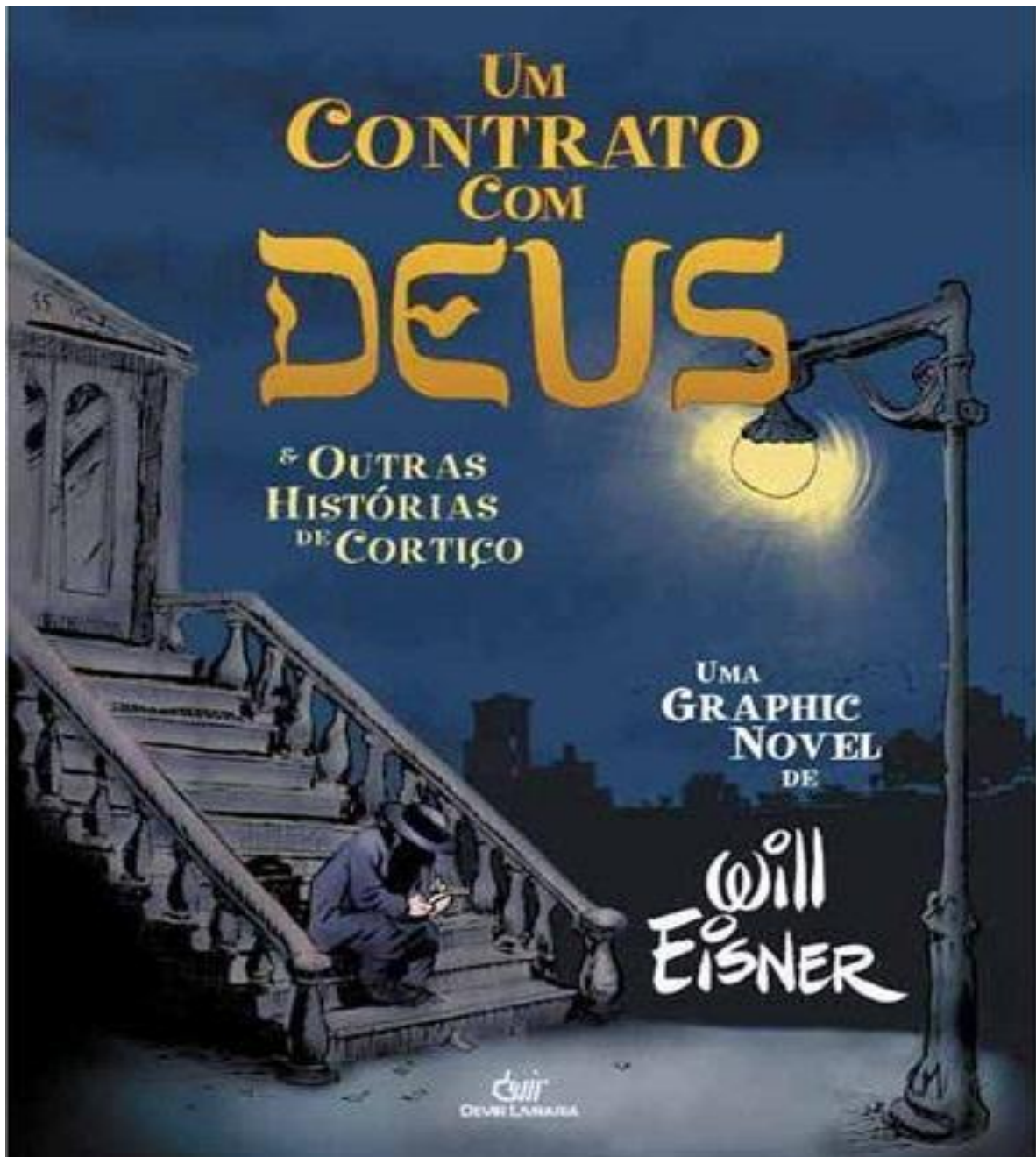
história narrada, através de pinturas rupestres que apresentam uma sequência de imagens, objetivando transmitir as impressões do mundo.

Para Cirne (1998) no século XIX, em 1837, tornou-se público o desenho, o primeiro no formato de charge que foi vendido em papel avulso no Brasil, que teve como percussor Manuel José de Araújo Porto-Alegre, ao publicar com tom de humor a charge “Lanterna Mágica”. Em seguida, foi o francês Sébastien Auguste Sisson, ao publicar no ano de 1855 “O Namoro, quadros ao vivo, por S... o Cio” na revista O Brasil Ilustrado. Em 1860, foi publicada a primeira história em quadrinhos por Ângelo Agostini, que continuou a tradição de incluir desenhos nas publicações jornalísticas brasileiras. Com isso, Agostini abordou diversos temas, os quais consagraram os personagens populares que foram desenhados, como protagonistas de histórias em quadrinhos, dentre eles: Nhô Quim (1869) que também foi ilustrado por Cândido Aragonez de Faria, Zé Caipora (1883), entre outros.

O surgimento das histórias em quadrinhos, a primeira foi com o ítalo-brasileiro, Ângelo Agostini, em 26 1869, As Aventuras de Nhô Quim (ou Impressões de uma viagem à Corte). Tratam de elementos de quadrinhos, como desenhos e textos em uma sequência de fatos. A segunda foi Richard Felton, em 1895, quando publicou no jornal de New York World, o personagem Yellow Kid. Para os americanos, este personagem foi considerado o embrião das HQs e o marco inicial das histórias em quadrinhos no mundo ocidental (SIQUEIRA, 2008, p. 25- 26).

Em 1940, momento em que as histórias em quadrinhos estavam em ascensão, Will Eisner criou o *The Spirit*, um detetive famoso, que não possuía superpoderes, mas havia voltado dos mortos, mascarado e combatendo o crime com suas mãos e inteligência. *The Spirit* é consagrado como um dos mais importantes quadrinhos do gênero. Eisner, com sua criatividade e talento inovou, durante a carreira, as histórias em quadrinhos, utilizando de artifícios, como: o uso de luz e sombras, fusões de imagens e agilidade, texto ágil e bom humorado, personagens que buscavam o sucesso ou heroísmo, porém, com humanidade. Dentre os incontáveis sucessos de Eisner no Brasil consagrou especialmente, em 1978, a novela gráfica “Um contrato com Deus”, que narra a história de pessoas humildes dos anos 30, residentes no bairro do Bronx, em Nova Iorque.

Figura 1: Capa de "Um contrato com Deus" de Will Eisner.



Fonte: Eisner (1978).

No que diz respeito ao surgimento das histórias em quadrinhos, o Oriente desempenhou um importante papel, além de possuir um escritor renomado, como a região de Toba e Sankokushique está um século à frente do Brasil e dos Estados, em publicação de quadrinhos japoneses (Mangá), isto por suas inovações, ilustrações e desenhos, que serviram de inspiração para o mundo.

No século XX, as HQ's se tornaram populares, agora em publicações específicas como gibis, revistas, jornais e internet com as temáticas e estilos variados, com o objetivo de atender a todos os públicos, expandindo-se no território

brasileiro. As características desse gênero possibilitam trabalhá-lo em sala de aula, pois humor e sátiras chamam a atenção das crianças, jovens e adultos.

O gênero textual HQ é caracterizado pela linguagem visual, quadrinhos ou vinhetas, planos, ângulos de visão, metáforas visuais e linguagem verbal e não-verbal que está formada pelos balões, legendas, onomatopeias e ainda linguagem icônica formada pelo enquadramento de planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, gesticulação e utilização de figurascínéticas. Quadro ou requadro é a moldura de história, no qual estão inseridos os desenhos que compõem a cena e pode ser utilizado como recurso narrativo. Recordatórios são painéis dentro dos quadros, utilizados pelo “narrador” para uma exemplificação fundamental. Eles tratam do ocorrido, indicam tempo/espaço, acontecimento paralelo, etc. e esclarecem o que não ficou claro no desenho e nem foi dito pelos personagens (SIQUEIRA, 2008, p. 28- 29).

Para a autora, o balão é uma linha que é constituída por palavras e símbolos, que podem ser distribuídos a um personagem e indica a ação praticada durante a narrativa e eles são classificados como:

- balão-fala;
- balão-pensamento;
- balão-cochicho.

Outra característica das HQ's é notada na linguagem de seus personagens, visto que as onomatopeias são palavras utilizadas, como sons que dão impacto às cenas e efeitos visuais nos quadrinhos. Já a metáfora desempenha a função de símbolos que pode expressar sentimentos. O desenho iconográfico é relevante à representação de um objeto, na qual utiliza-se de aptidão peculiar para representar.

No Ocidente, a leitura do gênero história em quadrinho é realizada em prosa, ou então, verso, isto da esquerda para a direita e de cima para baixo, na qual é narrada história de super-heróis, que tem como objetivo proteger o mundo, geralmente quem gosta desse tipo de narrativa são crianças e adultos que se atraem pelas HQ's.

No fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto o mercado de revistas desmoronava, as HQ's se multiplicavam, e com isso, surgiam personagens importantes, como Asterix - o Gaulês, Mortadelo e Salaminho e Os Smurfs, de Peyo. Com a aceitação dos adolescentes americanos, as tiragens aumentaram e,

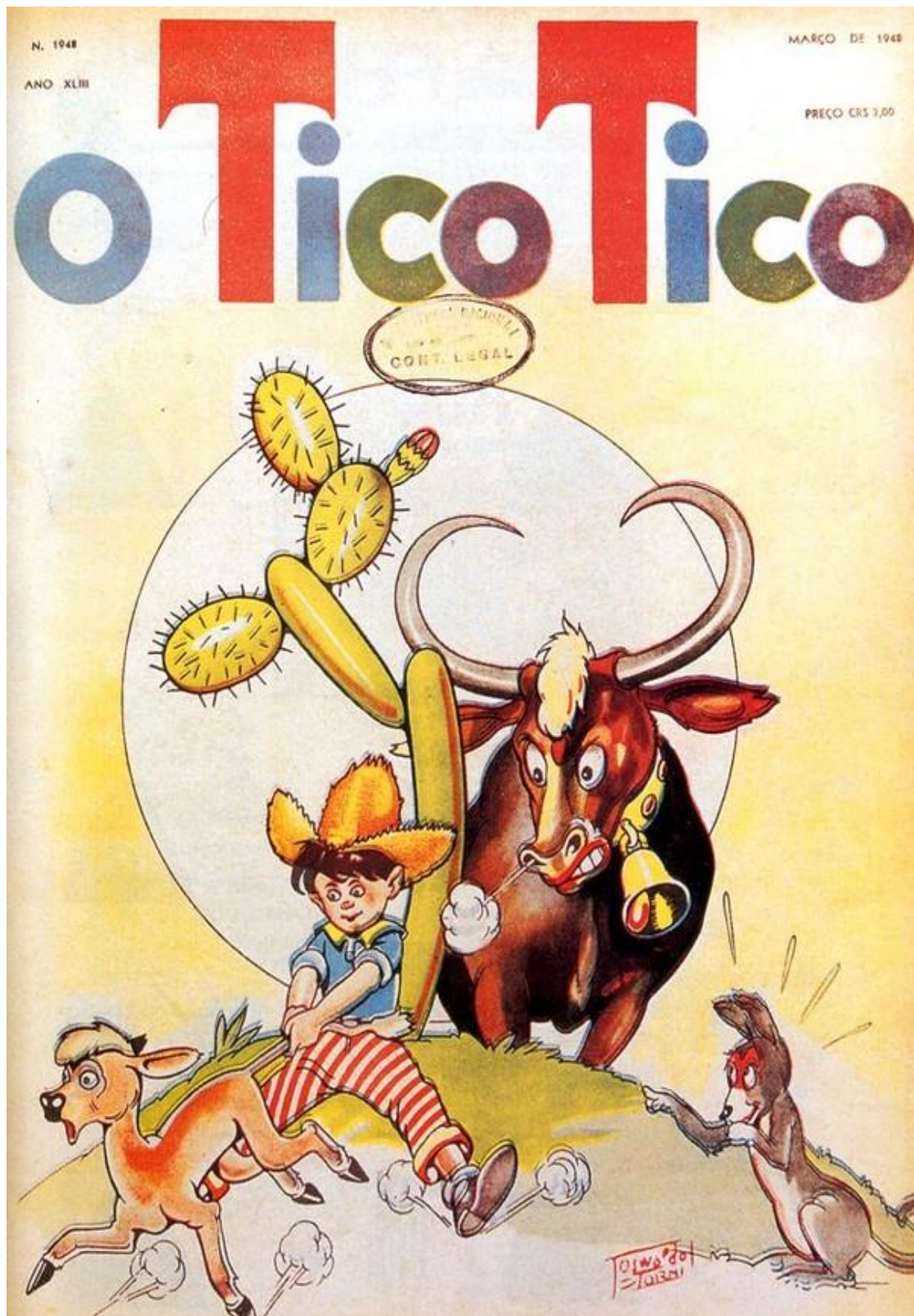
consequentemente, novos gêneros começaram a surgir, as representações realistas, em que se enquadram as histórias de terror e suspense.

No Brasil, especialmente em 30 de janeiro de 1879, surgiu a primeira história em quadrinhos, momento em que Ângelo Agostini publicou pela primeira vez “As Aventuras de Nhô Quim” (Impressões de uma Viagem à Corte) na revista *Vida Fluminense*. A estrutura da história trazia quadros, desenhos e sequências de fatos. Nesta data, comemora-se “O dia nacional do quadrinho brasileiro” importante para as crianças.

A primeira revista infantil, o *Tico-Tico*, criada pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva (1866-1932), em 11 de outubro de 1903; com a participação do artista Ângelo Agostini, que elaborou o primeiro cabeçalho e o nome da revista inspirado no passarinho tico-tico fez muito sucesso com o público durante muitos anos. As famílias letradas da época costumavam presentear os filhos no natal com a revista *Tico-Tico*, que as crianças adoravam, por possuir uma variedade de passatempos, histórias em quadrinhos, atividades de recortes e montagens de desenhos e curiosidades (SIQUEIRA, 2008, p. 31).

A autora afirma que Bartolomeu e Ângelo Agostini elaboraram em conjunto o primeiro cabeçalho e principalmente o nome da revista, inspirado no passarinho tico-tico, que se manteve no auge de sucesso por muitos anos. Cabe ressaltar que a revista *Tico-Tico* era o sonho de consumo das crianças, pois amavam a sua estrutura. A revista foi lida por diversos escritores brasileiros conceituados, como: Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Maurício de Souza, Rui Barbosa, Ziraldo, Ruth Rocha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Oswaldo Stoni, Carlos Arthur Thiré, Tarsila do Amaral, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Monteiro Lobato e Fagundes Telles.

Figura 2: Capa da revista O Tico-Tico.



Fonte: Silva (1948).

A revista O Tico-Tico foi criada no Brasil e contou com a cooperação de escritores, como: Lygia Fagundes, Carlos Drummond de Andrade e outros. Os personagens mais importantes dessa revista são:

- Chiquinho;
- Reco-reco;
- Bolão;
- Azeitona.

Os personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona foram criados por Luiz Sá, e eram personagens representados por bonecos redondos. Além disso, esses personagens se tornaram mais famosos nas histórias em quadrinhos brasileiras, pois foi a primeira a ser publicada no país.

O Tico-Tico era uma revista presente e desejada na minha infância, embora já estivesse sofrendo a competição braba de outras publicações com histórias em quadrinhos norte-americanas. Isso, nos anos 40. Mas como eu lia tudo que me caía as mãos, devorava o Reco-Reco, Bolão e Azeitona, do Tico-Tico, e pulava para Brucutu dos gibis. Voltava para Chiquinho, do Tico-Tico, e depois ia para o Mandrake, do Globo Juvenil. Gostava dos almanaques do Tico-Tico pelo volume de informações, desenhos, histórias (VERGUEIRO, 2005, p.213).

Em meados de 1930, Adolfo Aizen lançou a revista “O Suplemento Juvenil”, que incluiria as histórias americanas. Ao atingir o sucesso, mais duas revistas foram editadas, no caso: “Mirim” e “Lobinho”. Já em 1937, o jornalista Roberto Marinho entrou no ramo com “O Globo Juvenil” e dois anos depois lançou o Gibi, cuja palavra significava “moleque”.

A revista trazia um menino negro que era o símbolo da mesma, que fez muito sucesso junto a criança da época contribuindo para que a palavra “Gibi” se tornasse sinônimo de histórias em quadrinhos no Brasil. No ano seguinte surgiu “O Guri” lançado pelo empresário de comunicações Assis Chateaubriand (SIQUEIRA, 2008, p. 31).

A editora EBAL, em 1945, importou as primeiras revistas de personagens da Marvel e Warner, tais como: Super-Homem, Batman, Homem-Aranha, Príncipe Valente e outros. Em 1947, o Serviço Social da Indústria lançou a revista em quadrinho do Sesinho, que foi divulgada um ano após a fundação do SESI, momento em que o Brasil tinha poucos personagens. A revista em quadrinho

Sesinho teve a sua publicação suspensa em 1960, porém, em 2001, voltou a ser divulgada. A revista é de distribuição gratuita, com o objetivo educativo para ser utilizada nas escolas.

Figura 3: Revista Sesinho



Fonte: Sesi (2001).

No ano de 1959, Maurício de Souza criou seus primeiros personagens, que são Bidu e Franjinha, em seguida foram Cebolinha e Piteco em 1965, Cascão em 1962 e Mônica em 1964; a sua mais personagem mais famosa e importante de sua carreira. A Turma da Mônica é o maior sucesso do ramo no país, em todos os tempos. Virou uma linha de produtos que vão desde sandálias a macarrões, passando por material escolar e roupas. Também já foram produzidos desenhos animados longa-metragem com os personagens.

Em, 1970, as personagens ganharam uma revista com os seus nomes: revista da Mônica, da Magali, do Cebolinha e do Cascão que foram traduzidas para nove idiomas e exportadas para dezessete países (SIQUEIRA, 2008, p. 31).

Na década de 1960, surgiu a primeira revista brasileira em quadrinhos, que é a “A Turma do Pererê”. Essa revista foi produzida por um único escritor, Ziraldo, escritor de livros infantis que mais tarde criaria “O Menino Maluquinho”. A Turma do Pererê teve sua primeira publicação na revista “O Cruzeiro”, isto foi em outubro de 1960 e teve sua edição até o número 43, em abril de 1964.

O Pererê carregava dentro de suas aventuras uma brasilidade perpassada pela euforia política e cultural vivida então. Como se dava está brasilidade? Muito simples, na ambientação das estórias (a Mata do Fundão lembra o interior de Minas com algumas pinceladas amazônicas), nas várias propostas temáticas (o aproveitamento de superstições e costumes do nosso ludismo infantil: a consciência diante de comemorações natalinas festejadas com uma alimentação de fato brasileira; o aproveitamento de situações esportivas e artísticas vividas por todos nós etc.), nos desenhos livres e despojados de qualquer influência estrangeira. E mais nos personagens que primavam pela representatividade tipológica. Senão, vejamos um mito folclórico (o próprio Saci-Pererê), um índio (Tinimim) e sua namoradinha (Tuiuiu), uma onça (Galileu) e um caçador de onças (Compadre Tonico), um coelho (Geraldinho), um macaco (Allan) e outros. Nada de elefantes, de panteras, de super-heróis falsos e mistificadores (CIRNE, 1998, p.51).

Para o autor, “O Pererê” representa questões culturais, na qual o ambiente retrata, ou lembra cada região do país, através de seus personagens, heróis, temáticas, a fauna, superstições e costumes do ludismo infantis. Isso com humor, arte, piadas e tiras sobre o Brasil.

A partir do ano de 1980, os jornais brasileiros começaram a colocar no mercado trabalhos de autores nacionais em suas tirinhas, pois antes o espaço era dedicado exclusivamente às tirinhas americanas. Dentre eles, estão: Glauco

(Geraldão), Laerte (Piratas do Tietê), Miguel Paiva (Radical Chic), Angeli (Chiclete com Banana), Luís Fernando Veríssimo (As Cobras) e Fernando Gonsales (Níquel Náusea).

2.2 Histórias em quadrinhos e educação bilíngue

No contexto educacional, as histórias em quadrinhos foram proibidas de circular no âmbito escolar durante muitos anos porque os professores da educação básica acreditavam que as HQ's não fomentavam a educação, bem como não consideravam as obras literárias. Elas não poderiam fazer parte dos conteúdos, talvez por preconceito, uma vez que a leitura desse gênero poderia prejudicar a aprendizagem do aluno, por utilizar de uma linguagem informal.

Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP) mostrou um estudo que afirmava que histórias em quadrinhos levavam à “lerteza mental”. Essa afirmação resultou na proibição da leitura desse gênero, gerando também uma frase preconceituosa de que “quem lê histórias em quadrinhos fica com o cérebro do tamanho de um quadrinho” (SIQUEIRA, 2008, p. 36).

As histórias em quadrinhos têm se mostrado nos últimos tempos como uma ferramenta que pode propiciar o conhecimento, pois é um material importante na construção dos signos linguísticos. As HQ's possibilitam uma leitura agradável, a qual relaciona texto e desenho durante o processo de ensino-aprendizagem, no letramento da criança e na aprendizagem dos recursos linguísticos de jovens-adultos.

Na visão de Angela Siqueira, o professor, ao trabalhar com o gênero textual HQ em sala de aula, tem que ser um bom leitor, para poder transmitir ao aluno o entusiasmo e a paixão do gênero. Para ser um ótimo leitor de HQ, é necessário conhecer:

- A estrutura composicional;
- As convenções próprias do texto;
- Representar os sons;
- A sequência de leitura;
- Os códigos e símbolos;

- Conhecer os autores e os personagens.

Desse modo, a base teórica escrita desenvolvida por Siqueira (2008) é importante para verificar o nível de aprendizagem das crianças e adultos. Esse método merece destaque pela interação que há entre os participantes, com a produção escrita em livros, revistas, cartazes, filmes e a mídia digital, com a participação de todos com as práticas de linguagem propostas pela professora no contexto escolar. Assim, a escrita é uma ferramenta importante, pois quando os alunos fazem todas as atividades, eles desenvolvem a linguagem em sala de aula e em casa, com a possibilidade de aplicar o que foi aprendido na escola.

Diante desse contexto, é possível afirmar que as práticas de letramento, através de uma proposta bilíngue para alunos surdos, podem torná-los produtores e leitores de textos, se forem imersos em práticas sociais de leitura e escrita desde as séries iniciais, a partir do gênero discursivo.

É uma maneira de mostrar como trabalhar atividades de linguagem diversificada, apoiada por um professor bilíngue e em LIBRAS, como língua compartilhada na escola de surdos. As atividades apontam para o desenvolvimento da língua portuguesa escrita. Esperamos que a escola se comprometa a cumprir com o seu papel social (SIQUEIRA, 2008, p.93).

A autora coloca que as atividades de língua portuguesa em especial, podem ser desenvolvidas através das histórias em quadrinhos, na qual auxilia trabalhar com a escrita; porém, isso é possível caso seja trabalhado por um professor bilíngue, ou seja, que dominem a língua portuguesa e a Libras. Para isso, cabe destacar que a escola tem que ter comprometimento.

2.3 A mediação de leitura e defectologia sob a visão de Vygotsky

Lev Semyonovich Vygotsky foi um renomado psicólogo da cultura histórica, considerado pioneiro no conceito relacionado ao desenvolvimento intelectual das crianças, na qual ocorre durante as interações sociais e as condições de vida. Ele nasceu na Rússia em 1896, no século XIX e morreu aos 37 anos em 1934. Nesse curto período de vida, formou-se em medicina, na área de neurologia e desenvolveu o sócio interacionismo, sendo as mais importantes: a Defectologia e a Compensação.

Os símbolos e as palavras para Vygotsky desempenham as mesmas atividades de instrumentos de trabalho, que possibilitam transformar a natureza para cultivar e colher. Contudo, no meio imaginário, pode-se compartilhar as experiências adquiridas, de maneira diferente dos animais. A linguagem e a memória são propagadas por meio de experiências e proporcionam a oportunidade de compartilhar, de natureza igual e com isso, o cérebro evolui para memorizar a linguagem e as mensagens trocadas.

Nossa boca e nossas mãos evoluíram para instrumentalizar a fala e a escrita, nossos ouvidos evoluíram para decodificar as falas. Os seres humanos são acumuladores de dados, informações, conhecimentos, que podem disseminar por meio da linguagem e de seus suportes de registro. Então, é possível aprender entre humanos, somente por meio da convivência, do diálogo, da leitura ou então das brincadeiras (que simulam situações reais). Também podemos nos emocionar sem viver diretamente as situações, pois a linguagem também armazena as emoções e permite compartilhar. Então, Vygotsky nos explica a “zona de reconhecimento proximal”, que é o espaço de diferença entre o que uma criança ou aprendiz ainda está imitando, brincando ou fazendo-de-conta, e o que realmente uma pessoa amadurecida é capaz de fazer (OLIVEIRA, 2017, p.18).

Dessa forma, a teoria das mediações propostas por Vygotsky esclarece que a maneira como pessoas experientes partilham seus conhecimentos, simulando situações reais com os jovens, auxilia na superação da zona de reconhecimento proximal e ocorre por meio da linguagem. Então, quanto mais dominar a linguagem e a disposição de registros de conhecimento, maior serão os conhecimentos. A mediação sempre tem um elemento ambiental, onde estão os recursos.

À vista disso, a mediação tem como elemento de comportamento e hierarquia, na relação social. A mediação também possui a afetividade como elemento. Já o fator mais importante é o de conhecimento, isto para dominar e ter autonomia sobre a linguagem que está sendo utilizada para a mediação, no caso, a fala, registros e documentos.

O desenvolvimento cultural seria, assim, a principal oportunidade que é possível compensar com o treinamento especial, porque a falta de um órgão ou de um sentido do corpo pode ser compensado pela cooperação com outras pessoas e com o uso da linguagem, caminhando para temas atuais de inclusão social e cidadania. Na verdade, Vygotsky tinha seu pensamento científico começado com mediação e continuado no uso da linguagem para a construção do psicológico. Por isso, tão importante as formas verbais de comunicação que, conforme defendia o autor, o desenvolvimento cultural (OLIVEIRA, 2017, p.22).

As formas verbais são importantes para a comunicação, pois permitem o desenvolvimento cultural da criança. Essa premissa foi possível porque Vygotsky tinha um pensamento científico iniciado a partir da mediação e continuado no uso da linguagem para constituir o psicológico. Então, para Vygotsky, deficiência é uma limitação biológica que não pode ser abrangida no meio social, ou seja, as deficiências corporais podem afetar as relações sociais e não as interações:

[...] todas as deficiências corporais afetam antes de tudo as relações sociais das crianças e não suas interações diretas com o ambiente físico. [...]. Portanto, na visão de Vygotsky, era o problema social resultante de uma deficiência física que deveria ser considerado como o problema principal [...]. A partir dessas premissas, Vygotsky raciocinou que a educação baseada na compensação social dos problemas físico, era a única maneira de proporcionar uma vida satisfatória para as crianças “defeituosas” (VEER; VALSINER, 1996, p 74-75).

Assim, os espaços e as circunstâncias contribuem como relação dialética para a educação e inserção dos indivíduos para guiar o valor de cidadania, isto para a inserção e não exclusão. Conforme corrobora o autor, “o desenvolvimento cultural da criança se apresenta primeiro em nível social e, mais tarde, em nível individual” (SOUZA, 2006, p. 125).

Para isso, Witkoski (2009) informa que é de fundamental importância que a escola crie espaços de interação junto à biblioteca, para que o surdo possa manifestar-se culturalmente, propiciando-lhes uma aprendizagem significativa paralela à leitura, na busca da melhor maneira de lidar com suas formas peculiares, pois os mesmos acabam sendo estrangeiros no seu próprio país de origem, caso suas habilidades não sejam aprimoradas, posto que a leitura é de fundamental importância para compreensão e expressão do jovem surdo.

2.4 O Letramento de Surdos

Na antiguidade, especialmente na Idade Média, os surdos eram tidos como amaldiçoados e, conseqüentemente, eram desprezados e afastados do meio social por causa dessa deficiência. De acordo com Goldfield (2002), a valorização do pensamento é guiada pela fala, portanto, os surdos eram desprezados e amaldiçoados pelos Deuses.

Ao passar dos anos na Idade Moderna, na Europa, começou-se a despertar interesse na deficiência que até então não sabiam o que era; após várias

experiências e fazendo testes com os surdos, chegaram a conclusão que os mesmos podiam fazer parte da sociedade, porém, através da oralização, ou seja, só era possível alfabetizar o surdo por meio da língua oral no qual acreditavam que através de terapias que os estimulassem, os mesmos voltariam a falar, já que gestos e mímicas eram proibidos.

Para Goldfield (2002), apenas no século XX foi desenvolvida a língua de sinais, a qual acabou se estabelecendo na sociedade, possibilitando a comunicação de forma eficaz entre os surdos.

No Brasil, a primeira escola de surdos foi o Instituto Nacional da Educação de Surdos, localizada no Rio de Janeiro-RJ, criada em 1856 e era chamada de Instituto dos Surdos-Mudos. Desde essa época, o instituto vem desenvolvendo seu trabalho com atividades da educação infantil ao ensino médio, com ensino profissionalizante para inserir os jovens no mercado de trabalho e também ofertando atendimento de fonoaudiologia, psicologia e assistência social à comunidade e aos alunos. Somente em 2006, no Brasil, foi criado o primeiro curso Universitário de Letras/Libras como Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina.

Hoje são indispensáveis os atendimentos para atividades e ações acessíveis para esses usuários surdos que ainda sofrem com a falta de informação e profissionais especializados. O surdo ainda encontra dificuldades ao acesso da informação, por serem escassos os mecanismos específicos para tal deficiência.

Sendo assim, pode-se caracterizar o usuário da informação como aquele indivíduo que faz uso dos serviços oferecidos pelas instituições de informação procurando transformar suas lagunas informacionais em novos conhecimentos ou ampliar conhecimentos já constituídos a fim de construir novos comportamentos e se desenvolver enquanto ser social (DANTAS; SILVA; SOUZA, 2013, p.19).

O surdo que pratica e estuda a Libras faz com que estimule a sua linguística facilitando a busca do conhecimento, da autoestima, da conquista dos direitos e deveres políticos e sociais; e pelo direito a busca para serem pessoas livres, emancipadas, compreendidas e capazes, segundo Falcão (2010). A falta do apoio da família dos surdos faz com que sua dificuldade aumente a cada dia tornando-se mais difícil o convívio na sociedade.

Conforme Falcão (2010), os familiares têm o papel importante tanto quanto da dedicação do próprio surdo, pois eles terão que acompanhar

paralelamente o seu crescimento na escola, o andamento da linguística e sua adaptação, e aprendendo com ele a comunicação visual, sendo a família o grupo social com a qual convive diariamente.

Já para Gesser (2009), a Libras não pode ser considerada universal, pois é relacionada de acordo com a cultura do povo surdo de cada comunidade. É de grande importância em uma Unidade de Informação ter profissionais que saibam a Libras. Porém, não tem nenhuma lei que obriga um bibliotecário a saber fluentemente, pois apenas não passaria de um suporte para as necessidades desses usuários.

Uma escola comum, que não tem suporte suficiente para instalar um deficiente auditivo, reconhece perfeitamente que não pode atender as necessidades e funcionalidades regulares desse indivíduo, precisará ofertar um atendimento complementar.

Pupo e Vincentini (2002, p.05) enxergam que o maior problema do surdo não é a dificuldade de interação com as pessoas que não possuem deficiência, é a aceitação dele próprio surdo com suas limitações e visões que muitas vezes podem se tornar negativas por não serem compreendidos nas suas diferenças e particularidades.

Segundo Pereira (*et al.*, 2013) a maioria dos ouvintes desconhece a carga semântica que os termos mudo, surdo-mudo e deficiente auditivo evocam, ou seja, ao chamar surdo de deficiente auditivo, soa como fosse um indivíduo incapaz, no qual acredita que a palavra “surdo” sairia melhor. Ainda para Pereira (*et al.*, 2013), existem muitos preconceitos mascarados atrás de pessoas que acreditam defender as diferenças e diversidade.

Na concepção de Guimarães (2009), que descreve os surdos como protagonistas do texto fazendo com que o assunto não se torne pobre e isolado, pois esse universo para ele é muito restrito, tenta passar a compreensão que todos deveriam procurar entender esse universo visual, mas que se unem em uma única linguagem para superar as diferenças.

Para Ribeiro (2012) há a importância da escola na socialização para os surdos, proporcionando diálogo, convivência e trocas de experiências, tornando atualizados os conceitos de surdez que sofrem com as mudanças ao passar dos anos.

Kalatai e Streiechen (2012) garantem que a grande dificuldade é o preconceito na relação entre pessoas surdas, pela discriminação que vêm sofrendo e cita as principais metodologias que poderiam ser usadas como didática na Unidade de Informação. Para mudar esse quadro negativo sobre os surdos, seria necessário ter como primeira metodologia o oralismo, o qual não é muito utilizado atualmente, porém, ainda existem pessoas que insistem nessa metodologia, por conta dos benefícios sociais na interação entre surdos e ouvintes. No entanto, o processo do oralismo é muito penoso para a aprendizagem do surdo.

O método que poderia ser mais utilizado em Unidades de Informação seria o bilinguismo que se trata da relação entre a língua portuguesa (escrita) e a Libras, mas nem todas as instituições estão capacitadas para tal situação.

Vários autores defendem a importância, desse método, entre eles destacam-se Santos e Lacerda (1998) e Guarinello (2007), que explicam o bilinguismo como de total apoio para comunicação total e desenvolvimento do processo de aquisição do conhecimento e linguagem, e mostram que o método da pedagogia surda busca a interação e vivência de experiência, evoluindo a comunicação e quebrando barreiras as quais os profissionais da informação vêm encontrando.

2.5 O Desafio da Formação do Leitor Surdo

As aprendizagens na vida diária do indivíduo são significativas, com a existência de desafios e tornando-os ainda maior se o indivíduo possui alguma deficiência como a surdez.

Aguirre (2009) relata que é gerada bastante preocupação na hora da leitura, pois a criança na maioria das vezes se perde no texto por realmente não saber interpretá-lo e é de grande valia deixar claro a necessidade do leitor surdo em saber compreender o texto, pois o início do percurso da leitura é de fundamental importância para o seu desenvolvimento acadêmico; destaca-se o adulto profissional como mediador da leitura dessa aprendizagem, usando estratégias linguísticas para ajudar na compreensão e desenvolvimento da língua.

Os bibliotecários não atuam como professores, porém auxiliam nas atividades educativas e culturais, às quais são vinculados a leitura iniciada em sala

de aula, ambos profissionais pedagogos e bibliotecários são de fundamental relevância ao incentivo à leitura.

Para Valentine e Bisol (2011) o aprendizado da leitura do surdo é bem diferente do que de uma pessoa ouvinte, uma vez que o surdo para poder interpretar algo terá que aprender a sua língua natural, a Libras, e paralelamente aprender a segunda língua, o português escrito, pois caso não tenha a interação do aprendizado dessas duas línguas não haverá tanta eficiência na sua leitura.

À junção de ambas as línguas, os escritores Valentine e Bisol (2011) chamam de interlínguas, o qual cita três estágios de dificuldades encontradas na leitura e escrita: o primeiro estágio é encontrado no surdo, que está iniciando o aprendizado da interlínguas; no segundo estágio, na escrita, o surdo não deixa claro afirmações e exclamações, misturando características da língua de sinais com o português escrito, dificultando a leitura; e no terceiro estágio, o leitor já tem o domínio da escrita, tendo por fim sua facilidade na leitura.

Ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve impresso seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou e leu o texto (SANDRONI, MACHADO, 1998, p.10).

O recebimento de doações de livros não quer dizer que seja o incentivo à leitura; segundo Vergueiro e Ramos (2009) existem várias formas de incentivar a leitura tanto como dar acesso aos leitores quanto à escolha da seleção exata do acervo de preferência desses leitores.

O desafio é saber olhar os quadrinhos como um recurso pedagógico. Se isso for feito, o profissional da área vai se surpreender com a enorme gama de recursos e contribuições que a linguagem e suas obras podem fazer a realidade escolar (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 7).

Nos dias de hoje, as funções da biblioteca escolar estão mais visíveis e reconhecidas conforme Bari e Vergueiro (2012). No entanto, existem barreiras para colocar em prática o uso das ações na biblioteca e os mesmos autores afirmam que não são apenas os problemas financeiros que impedem isso, mas também a falta de conexão entre ambos profissionais de Educação e Biblioteconomia. Dessa forma, pode-se discutir sobre a prática da leitura com as histórias em quadrinhos, dando a

abertura de interesse para a leitura, pois acreditam que abrirão oportunidades para esse leitor, desenvolvendo competência e surgindo novos horizontes e dando ênfase para a futura vida social e profissional.

A atuação conjunta de bibliotecários, docentes e discentes como agentes mediadores das relações estabelecidas na biblioteca escolar irá possibilitar mudanças significativas na linguagem bibliotecária, pois o espaço físico e os próprios instrumentos documentários proporcionarão acesso, participação e inclusão de todos, como atores de papéis ativos nos processos envolvidos (BARI; VERGUEIRO, 2012, p. 4).

Diante dessas informações, é importante que esses profissionais tenham em comum algumas atividades para despertar o interesse do aluno pela leitura, trabalhando para chegar em um resultado significativo.

Macedo (2005) corrobora que os professores e os bibliotecários não conhecem as atividades um do outro, mas deveriam trabalhar paralelamente no intuito do aprendizado e formação do leitor.

Uma das principais implicações que podem atrapalhar o desenvolvimento e o bom funcionamento intelectual é a quantidade de alunos por sala, pois seriam necessárias turmas com menos alunos, de forma a facilitar o ensino por parte dos professores, com o apoio do intérprete de Libras.

Para que o atendimento de pessoas com deficiência auditiva seja valorizado, é necessário que seja colocado em prática alguns documentos jurídicos os quais garantem valores, justiça, respeito e dignidade, pois Libras é uma língua a ser usada pela grande maioria dos surdos no Brasil e vem ganhando espaço a cada dia. Para isso é preciso submeter-se à Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.

Art. 1º - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que os sistemas linguísticos de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2000).

Anteriormente pela Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000:

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação (BRASIL, 2000).

Essas leis são regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, contendo nove capítulos que falam da inclusão da Libras como disciplina curricular, da formação do professor e instrutor de Libras, do acesso a língua portuguesa aos surdos, da inclusão em escola pública garantindo o atendimento diferenciado, com capacitação e treinamento especializados para professores e servidores de escolas públicas federais e, por fim, da garantia dos direitos da saúde e educação a pessoas Surdas.

Após o decreto das leis, as escolas começaram a se modificar, e tendo em mente que tanto a convivência com crianças quanto adolescentes com deficiência e sem deficiência auditiva podem conviver no dia-a-dia, no mesmo ambiente trazendo enriquecimento ao ensino e aprendizagem. Para contextualizar a situação sobre escassez da leitura e escrita dos surdos, Lebedeff (2006) fez seu mestrado sobre a análise das estratégias e recursos surdos, utilizados por uma professora surda para o ensino da língua escrita, para o processamento de compreensão da leitura, ao alertar o atraso para a educação dos surdos e mostrou a forma da didática das professoras surdas em comparação com as professoras ouvintes, além de trazer essa análise de estratégia como formas de expectativas de crescimento cognitivo dos surdos, pois uma vez alfabetizados, os surdos saberão realizar uma boa leitura.

2.6 Contexto Histórico do Surdo em Sergipe

De acordo com Souza (2010), a história da educação dos surdos em Sergipe ocorreu a partir da década de 1960 com a criação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia (C.R.N.G.)¹ (1962 – 1996), estabelecido no bairro Industrial, tendo como primeiro fundador e administrador o médico rosarense Dr. Antônio Garcia Filho, cuja gestão transcorreu entre 1962-1979.

Segundo Souza (2007), o centro ganhou esse nome em uma homenagem à esposa do Governador Luiz Garcia, que se chamava Maria Emília Garcia, contudo, ficou conhecida como Ninota Garcia.

¹Em 1958 Luiz Garcia foi eleito Governador do Estado, empossando seu irmão, o médico e intelectual Antonio Garcia Filho, na Secretaria de Educação, Cultura e Saúde. Junto à Secretaria de Obras, que projetou e construiu o C.R.N.G. no terreno da velha usina do Bairro Industrial.

O C.R.N.G funcionava como uma fundação e escola para atender alunos surdos, cegos e deficientes mentais, a qual era mantido por recursos públicos através da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde e por doações da União Sergipana de Assistência (SOUZA, 2010).

Em 1964, conforme Souza (2010), o C.R.N.G. tinha exclusivamente dois anos de funcionamento e recebia 16 alunos surdos, sendo constituído da seguinte maneira: o pré-primário (educação infantil), o segundo e o terceiro anos (ensino fundamental) tinham como objetivos a compreensão de noções gerais, apreensão e exercício da fala matemática.

De acordo com Souza (2007), o C.R.N.G. foi uma instituição administrada pela própria família, trazida por meio de convênios com a então Secretaria de Educação, Cultura e Saúde e de doações USA.

A primeira equipe diretora do C.R.N.G. era composta por Dr. Antônio Garcia Filho (diretor e médico clínico), Cândido Augusto Sampaio Pereira (fisioterapeuta), Geruza Actis Leal (coordenadora da Oficina e Artes Industriais), Edma Faro Barros (fisioterapeuta), Auricéia Costa Maia (secretaria), Maria Alice Vasconcelos (atendente da secretaria), Maria José Oliveira Menezes (datilografa), Ilma Andrade Almeida (assistente social), Yêda Garcia de Melo (professora de surdo), Maria Auxiliadora Rosa (ex-secretária) e José Sobral (ortopedista).

Através da Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro em meados da década de 1950, perante a gestão da professora Ana Rímoli de Faria Dória do Instituto Nacional de Surdos foi dado início ao primeiro curso de professores de surdos no Brasil. Sua duração era de três anos e era análogo ao curso de nível médio, com regime de externato para os moradores no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e em regime de internato para alunos de outros estados. Ana Rímoli delineia como necessita ser um professor de surdos:

Ele precisa ter uma boa saúde: pulmões sadios que lhe permitam boa respiração (quase atlética) para falar sempre com a voz clara e sonora em tom normal. Não deverá falar baixo porque, então se exageram alteram-se os movimentos da boca perdendo a naturalidade; deve possuir flexibilidade muscular, excelente e simpático. Moralmente falando, a alegria, o bom humor, a prática, a imaginação ardente, a vivacidade cerebral, a consciência profissional, o entusiasmo, a autoridade, o tato e a bondade; uma sólida cultura geral; boa memória e a grande facilidade de expressão constituem elementos preponderantes na personalidade daquele que ensina dominando a psicologia da criança, não deverá dispensar os conhecimentos musicais (DÓRIA, 1958, p. 164).

Apenas cinco professoras do Estado de Sergipe constituíram em fazer o curso do Instituto Nacional da Educação de Surdos, em 1960, com bolsas de estudo da Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Das cinco, somente três ensinaram no Centro de Reabilitação Ninota Garcia:

Ieda Garcia de Melo, Maria Gilva de Oliveira e Iracema Moura Santos. Quanto às demais, Odete Feitosa e Lenira, fizeram o curso, mas nunca se envolveram com os surdos. Sobre a formação profissional, a professora Ieda Garcia Melo relata: Chegamos ao Rio em fevereiro de 1960. Ficamos hospedadas no próprio INES [...]. O Rio naquele tempo não era violento [...], tinha colegas do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Terminamos o curso em dezembro de 1961. Estudei Prática de Ensino, Psicologia, Metodologia, Educação Física e a anatomia do ouvido. Tínhamos também, aulas de música, onde aprendemos imitação de voz. As aulas teóricas eram dadas no período da manhã e as aulas práticas com os surdos eram dadas à tarde (SOUZA, 2005, p. 131).

Na conjuntura do ensino de surdos em Aracaju, de acordo com Silva (2012), há atualmente cinco instituições fundamentais designadas à educação de alunos com deficiência auditiva:

- Associação de Pais e Amigos de Deficientes Auditivos do Estado de
- Sergipe – APADA/SE;
- Centro de Educação Especial “João Cardoso Nascimento Júnior”;
- Escola Estadual 11 de Agosto – EE11A;
- Instituto Pedagógico de Apoio a Educação dos Surdos de Sergipe – IPAESE;
- Fundação CIRAS/Rosa Azul.

Em todos estes estabelecimentos o método de ensino seguido é o bilinguismo, com modificações apenas na maneira de como a metodologia de ensino é sobreposta. Em Sergipe, a educação especial começou de maneira complexa entre público e privado. A escola de deficientes visual foi a precursora no atendimento a deficientes e principiou como ação benéfica da igreja católica. Funcionou no Same, na década de 1950, e foi a primitiva ação ordenada na educação do deficiente em Sergipe. Com o falecimento da professora, os atendidos ali, ficaram sem acolhimento até a criação do C.R.N.G.

O C.R.N.G. trabalhou com o acolhimento escolar para surdos, deficientes mentais e visuais. Conforme Souza (2007), o estilo de dar aulas aos surdos foi a mesma do século XIX, seguida pelo professor de linguagem articulada, Menezes Vieira. Utilizavam-se cartões com figuras, pois permitia uma melhor abrangência da preleção. Para os deficientes alcançarem as trepidações das cordas vocais, uma de suas mãos era posta no pescoço do educador, no momento da fala.

As professoras do Ninota assim provinham, como também proporcionavam figuras e instruía a pronúncia dos termos simples aos mais complexos. Essa emenda da palavra articulada era provida pela leitura labial, como se narra a seguir:

O mudo aprende as primeiras letras, a ler nos lábios, a escrever, a fazer as operações fundamentais, a desenhar, a compreender a língua pátria, a iniciar-se nas artes, e, o que mais impressiona, é aprender a falar, emitindo sons que jamais ouviu sons artificiais adquiridos com método, disciplina e paciência (SOUZA, 2007, p. 134).

A professora Heloisa Aragão explana que diariamente todos os alunos faziam exercícios de foniatría, soprando lápis deitados na carteira ou com bolas de borracha para praticar os pulmões. “Ela não usava gesticulação, pois descrevia que tinha muitos recursos didáticos” (SOUZA, 2005, p.5).

A escola para surdos “Ninota Garcia” abrangia o pré-primário (educação infantil), a primeira e a segunda série do primário (ensino fundamental) e em seus planejamentos curriculares se incluía: linguagem, conhecimentos gerais, orientação metodológica, compreensão da fala, matemática e treinamento da fala.

De acordo com Souza (2007), na treinamento da fala, os surdos adolesciam as imediatas agilidades: exercícios de desenvolvimento mental, atividade respiratória como elaboração para as lições de fala, atividades preparativas complementares, vocalização das vogais a-e-i-o-u (atenção para a condição da voz), estudo dos fonemas em pequenas expressões com articulação adequada dos fonemas p-v-t-b-m-l-f-s, ritmo dos vocábulos estudados, ritmo e entonação das elocuições (da ilustração e fala com gráficos aos sons).

Passagem considerável de atenção o da classe do pré-primário, do Centro, consecutivamente por funcionar com crianças ponderadas normais, em andamento com aquelas que apresentavam necessidades educativas especiais. As

classes dos surdos eram compostas atendendo as adjacentes faixas etárias: alunos de 8 a 12, 13, 16, 17 a 43 anos.

O ensino dos surdos não era tido como um direito, porém sim, como obra de redenção, porquanto careceria de salvá-los, tornando-os ouvintes e falantes. A respeito de Antônio Garcia ser adepto ao ensino específico da língua oral, em 1970 a professora de artes, surda Maria Aparecida Nascimento Santos, foi admitida como a que adentrou o ensino da língua de sinais, Libras, no Ninota Garcia, alternando com o aprendizado da fala.

Em relação ao trabalho, realizado nessa instituição referente à educação dos surdos, em meio a 16 anos de funcionamento, tinha estruturado somente a educação infantil à secundária série do ensino fundamental. Por esse motivo, os deficientes auditivos lá registrados tinham que se conservar na instituição ainda quando adultos.

Portanto, como em todo o Brasil, a educação dos surdos em Sergipe seguiu-se de múltiplas etapas ao difuso da história em cata pela sua inserção. Constituíam em serem avaliados como inábeis, não podendo conviver na sociedade como os “contidos normais”.

Para Souza (2010, p, 59), a escolarização em Sergipe não era uma das melhores no século XIX, contudo, a despeito dos embates, vários colégios particulares foram aparecendo, tanto no interior quanto na capital, crescendo o número de aulas nas instituições públicas para o ensino fundamental.

Em 1900, ocasião em que Mons. Olímpio Campos presidia em Sergipe, as escolas públicas estavam com um número muito baixo de alunos matriculados e com o advir dos anos, essas dificuldades arroladas à educação tão somente ascendiam, abrangendo a percentagem do analfabetismo em Sergipe.

Dois anos depois, algumas providências foram adotadas, entretanto, de forma desarranjada, a molde das escolas públicas que foram cunhadas e recebiam exclusivamente as séries primárias, o desrespeito com muitos professores que estavam implantados e logo retirados das instituições devido ao poder da política que decorria do interior. Tal situação se esclarece porque o Estado não impetrava abater sua taxa de analfabetismo. Prontamente, averigua-se que se a educação não prosperava no ensino regular, para pessoas sem nenhum tipo de deficiência, esta circunstância se tornava pior quando se discutia o progresso da educação para as pessoas com deficiência.

Segundo Souza (2010, p.66), o então Senador Sergipano Carvalho Neto, que aludiu por meio de projeto que fossem designadas escolas para acolher as pessoas que tinham determinada necessidade especial, não só em Sergipe, mas que considerasse todos os Estados e Federações. Tal projeto chegou a ser votado e proposto “as comissões de Instruções Públicas e de Finanças com ampla repercussão nacional”. Contudo, apesar de ser um projeto que recebeu sucesso público, a ideia do senador, como muitas outras no Brasil não prosperaram em Sergipe e ficou sem uma política pública voltada para este público. Sobre a realidade de Sergipe:

Em 1924, sobre a pedagogia dos anormais, Nunes Mendonça (1958) defende a instalação de classes especiais. É interessante salientar, também, que, na década de 1950, existiu uma escola para cegos, que funcionou no Serviço de Assistência à Mendicância (SAME). Essa escola foi fundada pela Igreja Católica, através do bispo D. Fernando Gomes, e presidida pelo Coronel Max Ribeiro. Depois da morte da Profa. Maria Helena de Barros, deficiente visual, a escola foi desativada (SOUZA, 2007, p.35).

O C.R.N.G. contornou-se em ser uma das ações imediatas da época, sendo assim, um grande destaque, ao ganhar elogios e galanteios do diretor do Instituto Baiano de Reabilitação em relação ao seu ambiente espaçoso, aconchegado e de seus aparelhamentos, o instituto permaneceu findo para exercer suas prestezas.

Ainda em seu mesmo ano de inauguração, foram concretizadas eleições em Sergipe e Luiz Garcia perde a sua delegação. No entanto, mesmo com sua derrota, o partido, no qual o mesmo era componente, obtém um bom número de prefeitos eleitos, abonando-lhe assim, que sua família continuasse a frente da direção do centro. Nas adjacentes eleições, o ex-governador ao lado de Leandro Maciel venceu as eleições, voltando a serem deputados federais, asseguraram, desta maneira, o apoio para o funcionamento do “Ninota Garcia”. Avançando no caminho político, no ano de 1974, o deputado Luiz Garcia não ganhou a reeleição, decorrendo, assim, para a redução de verbas derivadas do setor público.

No Centro de Reabilitação Ninota Garcia proporcionava serviços como: “médico, serviço social, fisioterapia, terapia ocupacional, acolhimento psicológico e orientação vocacional. Na área da educação estava oferecido, o jardim de infância,

oficina de artes industriais, escola para educação dos surdos, e escolas para os cegos” (SOUZA, 2010, p.76-77).

Entre os cursos apresentados, o colégio para surdos ganhava mais evidência, pois suplantava os problemas que foram deparados no ano do golpe militar, período em que o centro recebia mais pessoas do que se tinha planejado.

Nesse mesmo tempo, através do Instituto Nacional dos Surdos, foi inserido um curso em que favorecia a todos os professores do Brasil para trabalhar com os surdos, correspondendo a alguns discernimentos. A pedagogia empregada para as aulas dos surdos não distinguiu do século XIX para o século XX. Todavia, no Ninota, uma das professoras se caracterizava por meio da sua metodologia de educação, ao empregar o ensino da fala e o uso das Libras, contradizendo a ordem da direção do instituto que estava aderente ao ensino através da linguagem oral. Devido a tal fato, a entidade se tornou referência, uma vez que desempenhava um grande alcance no bairro em que se situava.

O centro C.R.N.G. passa a encarar problemas precisamente devido à crise que ocorreu no país, com resultados muitos críticos nos anos de 1974 a 1979, sendo que, a mesma trabalhava com a ajuda principalmente de recursos públicos.

A vida política em Sergipe e no Brasil transcorria reprimida com a mão de ferro, marcada por acirradas discriminações ideológicas, denúncias e perseguições, algumas delas, pessoais dos privilegiados pela confiança e atenção dos militares. Foi no governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) que o país experimentou uma breve euforia econômica. Militares, tecnocratas, multinacionais, banqueiros e setores da classe média, viveram o chamado “milagre econômico”, com índices de crescimento do produto interno bruto (PIB) em torno de 11% (SOUZA, 2007, p. 146).

No entanto, o desígnio do “Ninota” vem ao fim no começo da década de 1980, posteriormente há cerca de 16 anos de trabalhos para a educação especial em Sergipe. Atualmente, o prédio em que antes funcionava a instituição de reabilitação e ensino para pessoas com deficiências, funciona, agora, com o curso de Fisioterapia da Unit, de propriedade de Jouberto Uchôa de Mendonça, reitor da Universidade Tiradentes, que manteve o nome de Ninota Garcia no laboratório universitário para homenagear a instituição sergipana pioneira.

2.7 Educação Inclusiva para surdos em Níveis Fundamental e Médio

A inclusão para ser de fato, tem de acontecer de feitio ajustado sendo respeitável que esse procedimento se inicia na educação infantil até o ensino superior, constituindo assim, próprio a estes indivíduos as soluções necessárias para desempenharem a sua cidadania. Convém a escola regular os conceitos que favoreçam os surdos na aprendizagem em sala de aula, empregando atuações que apresentem definição para os alunos em geral e que, ao mesmo tempo, possa ser comum aos mesmos.

O apontamento historiográfico de Sergipe alusivo à educação de surdos, conforme estudos realizados por Souza (2010) se principiou ao fim do Império e início da República, com trabalhos do médico sergipano Dr. Tobias Rabello Leite, responsável pelas técnicas que estimularam a concretização da educação dos surdos sergipanos.

Souza (2005) sobressai à deferência de um sergipano à frente do seu tempo, que se esforçou em levar adiante um tipo de educação raramente comum no Brasil Imperial e na alvorada da Primeira República.

Em 1855, Sergipe foi afligido pelo surto de cólera. Então, o Dr. Tobias Leite, depois de administrar o memorial ao imperador se ofereceu para proporcionar os seus serviços médicos espontaneamente e, sobretudo, para Sergipe (SOUZA, 2010).

De acordo com Souza (2005), Tobias Leite chegou da Corte do Rio de Janeiro pouco após a morte do presidente Inácio Joaquim Barbosa, vítima de malária em 1855, na cidade sergipana de Estância. E de imediato, foi atender os afetados pela cólera, na cidade de Divina Pastora.

No ano de 1994, no período de 7 a 10 de junho, mais de 300 representantes de 92 governos e de 25 organizações internacionais, em colaboração com a UNESCO, reuniram-se em Salamanca, Espanha. O desígnio era difundir uma consignação que requeresse educação para todos, beneficiar a educação inclusiva, habilitar as escolas a acolherem todas as crianças, até mesmo as que, especialmente, apresentaram necessidades educativas especiais.

A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, afirma que todas as crianças portadoras de necessidades educativas especiais devem ser aceitas nas escolas regulares. A escola inclusiva propende originar a compreensão e educar a viver com

as diferenças. A constituição brasileira de 1988 cobre o direito à educação satisfatória a todos sem alguma restrição, além de consentir declaradamente que a criança com necessidades especiais tem direito a um acolhimento especializado.

Constitui-se de maneira plausível que o desígnio da educação inclusiva é o de proporcionar uma educação que caiba a todos, independente das necessidades especiais que possam ter.

Participar de um processo inclusivo é estar predisposto a considerar e a respeitar as diferenças individuais, criando a possibilidade de aprender sobre si mesmo e sobre cada um dos outros em uma situação de diversidade de ideias, sentimentos e ações (PEDRINELLI; VERENGUER, 2008, p.18).

Para haver uma verdadeira coerência da inclusão, é indispensável produzir os conteúdos de aulas por meio de recursos visuais, tais como figuras, material palpável e quando possíveis marcações nos quadros durante as aulas com cores diferentes, com aproveitamento, ao máximo, da memória visual.

Embora a proposta Inclusiva fosse um fruto maravilhoso, a metodologia da língua utilizada pelos surdos - a Libras, está ainda inferiormente concebida. Todavia, com a inclusão dos surdos na educação, é compreensível perceber que esses indivíduos, em sua grande maioria, não obtêm um desenvolvimento íntegro em virtude da capacidade dos ouvintes que queriam que os indivíduos surdos se adaptem ao padrão ouvinte, atribuindo o ensino oral e a prática auditiva, sem respeitar a analogia dos surdos.

É significativo o número de estudiosos pesquisadores que discutem sobre a educação de surdos, com a promoção de debates a respeito de como o ensino de surdos vem sendo direcionado, suas questões fortes e fracas. Constituindo-se em uma separação de opiniões, tendo em si, os que defendem a educação inclusiva dos surdos e lutam para que a escola permaneça com o significado de direito de todos e que também todos tenham a propriedade de aprenderem como os alunos ouvintes.

Outro aspecto relevante é que o surdo necessita de um espaço especializado para apreender melhor, já que sua educação é bilíngue, assim como a unidade de educação tem de possuir diferentes fontes de informação e leitura, jogos e recursos didático-pedagógicos, dispor de equipe educacional composta por pedagogos, tradutores e especialistas multidisciplinares, como psicólogos, bibliotecários, professores de educação física, fonoaudiólogos, dentre outros.

Um recurso humano efetivo para a concepção dos alunos surdos é a presença do intérprete educacional, pois esta explana a linguagem oral para a língua de sinais, auxiliando na aprendizagem do educando surdo.

Do ponto de partida governamental, o Ministério da Educação alega que a ciência da Libras se faz importante para educadores que trabalham com estudantes surdos, promovendo assim a comunicação, requerendo a uma aprendizagem dinâmica (BRASIL, 2006). Mas, é necessário lembrar que o surdo vai conviver em sociedade e não terá sempre o apoio do intérprete. Então, as pessoas ouvintes deveriam se preparar para conviver com os surdos na escolarização e vice-versa.

A escola inclusiva ainda é uma ação em concepção. De acordo com a história, nossa sociedade isolou alunos com carências da convivência da sala de aula comum, com a crença de que sua aprendizagem se ofereceria de forma mais adequada em ambientes restritos e adaptada. A inclusão na escola para o aluno deficiente auditivo se faz com a formação prosseguida de seu conjunto escolar, da gestão aos serviços de apoio, que avalize, assim, o conhecimento a deferência da área e as especificidades de sua clientela.

O docente tem um papel primordial, obviamente como todos os outros elementos do quadro escolar, por isso, deve ser parte de um acompanhamento especializado para fazer as adequações necessárias em sua rotina de trabalho de feito a acolher os imperativos educacionais característicos de seus alunos deficientes auditivos que, inicialmente, pouco se distinguem das obrigações dos demais alunos.

Logo, a alegação sobre as diretrizes governamentais, decorre se o docente não expandir suas metodologias e empregar tão somente a linguagem oral, é provável que os alunos surdos não contenham o ensejo de apreender a matéria em seu contexto e dificuldades como conversação, julgamento, abstração, noção e raciocínio lógico, se contornarão comuns no processo de aprendizagem (BRASIL, 2006).

O educador ao procurar múltiplos recursos visuais, proporciona ao aluno surdo à propriedade de aprender o assunto com facilidade e, conseqüentemente, impede problemas cognitivos.

Os aperfeiçoamentos de comunicação visual são eficazes ao conduzir o conteúdo para educandos surdos. A escrita manual é usada para o ensino do registro da Língua Portuguesa, entretanto, o aluno deve conhecer a acepção da

palavra para que não seja somente uma ação incoerente. Para o desenvolvimento dos conteúdos prestados em sala de aula, é presumível trabalhar com a capacidade criadora e tornar as aulas mais prazerosas com a gesticulação e dramatização dos enunciados a serem ensinados. Assim, são importantes a inclusão de recursos como caricaturas, desenhos, esboços ilustrativos e imagens.

São inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor. Muitos recursos surgem no dia-dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para que consiga alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança, ou para que a mesma consiga acessar o conhecimento de forma plena (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p.99).

Todo esse tipo de material enriquece muito a aprendizagem, pois oferece uma visão da realidade do que está sendo exposto, além de promover a memorização. Trabalhar com filmes e desenhos é uma maneira ativa e atraente, é importante que tudo que for conduzido apresente legendas ou tradução em Libras (BRASIL, 2006).

2.8 Língua Brasileira de Sinais- Libras

A Libras não possui ainda uma escrita adotada, então é ágrafa, mas é constituída por símbolos, que é a única forma de registro da língua de sinais. Desse modo, a Libras utiliza os sinais para fazer frases, através das configurações, movimentos e pontos de articulação, com isso almejando a comunicação, uma vez que há uma variação linguística em cada região do país.

A língua adequada é utilizada de maneira natural pelas comunidades surdas. Adversamente do que muitos pensam, a Libras não é puramente mímica e sinais soltos, empregados pelos surdos para promover a conversação. Diante disso, possuem composições gramaticais adequadas. As elocuições correspondem à composição da Libras e não a do Português. Mas, para conhecer as palavras, a Libras também tem um alfabeto próprio, titulado alfabeto manual.

É imprescindível a abrangência do valor do alfabeto manual para a sociedade surda e de como se ocorreu seu desenvolvimento ao longo da história, assim como reconhecer e o distinguir, em prol dessa língua, significa ser a primeira língua dos surdos.

A configuração de conversação e procedimento, reconhecida por lei, é um aparelho linguístico de caráter motor visual, com uma estrutura gramatical adequada e que compõe um sistema linguístico de comunicação de 43 ideias e fatos, originários de concordâncias de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002). Assim, como a comunicação, a elocução e linguagem são formas de reconhecimento.

De acordo com estudos realizados por Bernardino (2000), a língua de sinais é a melhor alternativa para as pessoas surdas. Ao pesquisar se eles gostavam de utilizar sinais, mais de 80% contestaram que sim.

Conforme Carvalho e Redondo (2001), o surdo bilíngue domina duas línguas: a Libras e a linguagem oral, o que promoverá sua relação na sociedade. Skiliar (1995) concorda que a língua de sinais e o bilinguismo são avaliados como a primeira língua do surdo, enquanto a língua oral e escrita é a segunda, é um sinal da aversão clínico-terapêutico da insurdescência em que o surdo, por muitas ocasiões, foi educado como ouvinte e compelido a ser educado somente com o método oral.

Destarte, nem sempre esses processos se enquadram com a realidade e tem se sancionado ocasiões de falha escolar nestes procedimentos de educação inclusiva de surdos nas escolas regulares.

Para Lacerda (2007), em torno da educação de indivíduos surdos, o contexto gira de maneira polêmica e inquietante, as análises que seguem os alunos surdos em sua atuação escolar tanto no Brasil quanto no mundo, acarretam em resultados indesejáveis em analogia ao cumprio escolar desses alunos. Lacerda (2007) também adverte que, para as crianças surdas, a dificuldade de interação com a língua ora, concebe a uma sequela emocional, social e também cognitiva.

A aprendizagem da linguagem pelo indivíduo surdo se oferece amarrado em outro caminho de subsídios, o visual e o reconhecimento de objetos e elementos por meio do tato, da sua configuração e tamanho sem ajuda da visão. E das percepções táteis em sua localização no corpo, intensidade e direção. Dessa maneira, o sujeito surdo carecerá de outra forma de linguagem para se relacionar com o outro, no acontecimento da admissão à língua de sinais, que permitirá o desenvolvimento de um esquema linguístico e, por conseguinte, resumido a outros aspectos, a ampliação do cognitivo.

Em distintos estudos sobre o contexto, Lacerda (2006), também alega que alunos surdos que passaram por muitos anos escolares, excepcionalmente expõem um desempenho indesejado, quando conferidos a alunos ouvintes, a

despeito das competências cognitivas de alunos surdos e ouvintes inicialmente explorarem níveis semelhantes.

A educação inclusiva no Brasil ainda existe de maneira insatisfatória. Trata-se da educação das crianças surdas e a preocupação com a aprendizagem e os recursos que ainda são impróprios a essa comunidade, não exclusivamente na escola, mas na sociedade em geral, recursos que as ajudem no seu processo de conversação com o outro, seja ele ouvinte ou não.

A realidade não parece enquadrar-se com as propostas de uma educação característica de qualidade para todos. Além disso, acontece de maneira insatisfatória, em que alguns surdos e pesquisadores, por muitas vezes, questionam os modelos de escolas inclusivas e distingam para segregação educacional de surdos, um ambiente no qual estes tenham contato apenas com surdos e se faça uma educação de dignidade.

Através de seus estudos, Machado (2006) considera o caso de as escolas regulares abolirem a uma carência ao surdo de relacionar-se com outros surdos. No entanto, são nestes contatos que o surdo poderia se dar com os seus semelhantes, desempenhar sua língua, abranger sua cultura, edificar sua identidade e se aparelhar como grupo social. O autor também exhibe uma análise de declarações de alunos surdos que fica claro o anseio de uma escola só para surdos e a obstinação ao ensino oral.

As declarações comprovam que os critérios de julgamento se constituíam os mesmos para alunos surdos e ouvintes. Mas, os estudantes surdos, é claro, não conseguiram resultados aceitáveis. O autor avista estes depoimentos como uma circunstância de improbabilidade que permanecem alunos e professores no procedimento de ensino/aprendizagem e, nesses acontecimentos, a escola é culpada pelas dificuldades de aprendizagem de alunos surdos e aborto escolar resultante.

Rebouças e Azevedo (2011) exibem um estudo sobre um aspecto ao interrogar os efeitos que escolas para surdos e ouvintes podem ocasionar à educação dos surdos. O aprendizado não é visto com visões prosaicas, não é só conversa, enfim, para os autores, o Ministério de Educação (MEC) está agenciando uma transformação na educação dos surdos no Brasil, cujo alvo fundamental é a compreensão de alunos surdos em escolas diferenciados, integrados aos alunos ouvintes.

Este artifício tem ascendido à frustração educacional dos alunos surdos, que não se veem como deficientes em adaptação. Os autores acima citados argumentam que os surdos são encaixilhados a outras deficiências e fatores essenciais, como a concepção de que as pessoas surdas possuem uma identificação linguística e cultural distinguida dos demais portadores de necessidades educativas especiais.

Rebouças e Azevedo (2011) também alegam que a sugerida proposta de inclusão educativa especial é imprescindível, entretanto, sem o apoio de um intérprete, o uso de recursos visuais, adesões tecnológicas e pedagógicas congêneres, os alunos surdos permanecem abandonados nas escolas inclusivas.

De acordo com a opinião do surdo, as condições disponibilizadas na escola regular não correspondem às suas necessidades de aprendizagem. A escola para surdos, como sugerem os entrevistados, parece assim apresentar a única opção de ensino para esses alunos. Na verdade, o fundamental é assegurar as condições necessárias ao seu desenvolvimento, tais como: a Língua de Sinais como principal meio de comunicação e ensino; a capacitação dos professores nessa língua e na cultura surda; a proposição de um currículo que contemple as especificidades do aluno surdo e sua cultura; o estudo das línguas, utilizando-se o método contrativo entre os sistemas linguísticos (Libras – Português) nas correções escritas na língua portuguesa e a abertura de espaço para a organização da comunidade surda e para as manifestações culturais dessa comunidade (MACHADO, 2006, p.71).

A deficiência de recursos materiais e profissionais de propriedade não são os exclusivos fatores de insatisfação com o novo molde inclusivo. São numerosos os alunos com necessidades especiais nas escolas regulares e são distintas as necessidades educativas especiais de cada um. Trazer um olhar exclusivo para todo o tipo de deficiência é primordial.

2.9 A Cultura surda no Brasil e a Educação Inclusiva

A edificação da identidade e cultura dos surdos no Brasil nasceram por meio de batalhas, exigências e conquistas alcançadas pelos surdos contra a sociedade ouvinte. Dessa forma, a grande conquista se deu através da Lei 10.436 em 24 de abril de 2002. Os surdos têm como precedência a língua de sinais, na qual

essa é a forma de entendimento e conversação. A língua brasileira de sinais é um fator efetivo que os distinguem como um grupo.

Igualmente como todo ser humano, as pessoas surdas também sentem a necessidade de se comunicarem uns com os outros, buscam reivindicar seus direitos e adolecem como povo para corroborarem sua potencialidade e também erguerem sua cultura.

Para Bernardino (2000), a Libras não é avaliada tão somente como um meio de comunicação, mas também um fator de identificação dos surdos.

Desse modo, o que se observa na relação entre os indivíduos surdos certamente não é algo como se pode ver como argumento cultural utilizado por outros grupos como de ligação consanguínea, estética – cor de pele, ou territorial. O que vem marcando esse grupo de indivíduos também não é a deficiência auditiva em si, mas a interação que ocorre entre os mesmos através da língua de sinais que proporciona a estes um sentimento de pertencimento grupal... (OLIVEIRA et al., 2011, p.84).

Os surdos têm suas organizações que compreendem feitiços sociais, profissionais, artísticos e esportivos. Os surdos concernem à cultura de seu país como os demais cidadãos, com diferenças apenas por fazerem parte do grupo “da cultura surda”, que transpõem os alcances e se conectam por apresentarem, em comum, o fato de se comunicarem através da língua de sinais, com o intuito de assegurarem sua identidade e batalharem diante de muitos estigmas.

Embora o termo cultura Surda seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas Surdas no mundo compartilhem a mesma cultura. Os surdos norte-americanos são membros da cultura Surda norte-americana; os Surdos britânicos são membros da cultura Surda Britânica. Os Surdos britânicos e os norte-americanos usam duas línguas diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes bagagens históricas. No entanto, há alguns valores que tanto os Surdos norte-americanos como os britânicos compartilham, pelo simples fato de que existe ao menos uma experiência que une a ambos: todos são pessoas Surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes (WILCOX; WILCOX, 2005, p. 93).

Essa comunidade não se considera deficiente, apenas distinta. E distintos por acreditarem ter uma pendência linguística. Enquanto forem controvertidos como deficientes e conglomerados nos julgamentos gerais de educação inclusiva, haverá um embate de ideias. O ambiente escolar proporcionará conveniências, trocas de experiências e valorização de distintas culturas, já que os surdos têm uma

identidade, língua distinta e uma narrativa rica. Atingir essa troca de informação nas escolas é uma ocasião de expressar a história dos surdos.

O surgimento de culturas díspares na atmosfera educacional e a estima importância das culturas podem gerar uma interação riquíssima que requeira a ampliação sócio-afetiva entre os alunos surdos e os alunos ouvintes. Machado (2006) ao recomendar conceitos para melhor propriedade do ensino de surdos, alude um currículo que considere as especificidades do aluno surdo e de sua cultura.

Existem projetos para a inclusão, amparados nas leis: 10.436, de 24 de abril de 2002, na Lei 5.626 de 22 de dezembro de 2005 e na lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010, que abroham sobre a seriedade da língua de sinais, do artifício de inclusão do aluno surdo na rede pública de ensino e ainda da formação que regulamenta a profissão do tradutor e intérprete da Libras

A partir da Lei nº 10.436, de 2002, a Libras foi distinguida como meio legal de comunicação e expressão, mas, exclusivamente, a partir do Decreto nº 5.626 de 2005, que a lei foi regulamentada. A nova lei tem como principal objetivo mostrar a importância da Libras como configuração e forma de segurança do direito à educação aos surdos. Dessa maneira, garante a admissão da Libras como disciplina curricular imprescindível e que tenha uma constituição especializada de professores e de instrutores de Libras, para que, dessa forma, seja admissível existir a transmissão da Libras e da Língua Portuguesa, como meio de garantia de ascensão dos surdos à educação.

Outro fator considerável se trata da importância da qualificação do intérprete. É primordial que para trabalhar com a língua de sinais o intérprete/tradutor não pode ser uma pessoa desqualificada. Precisa ser habilitado, ter uma noção específica e compreensiva, porquanto, o surdo tem condições de alçar o seu grau de conhecimento, sendo assim, a interpretação tem que ser precisa, ao ponderar que o surdo é uma pessoa “dentro da normalidade”, apenas com distintos problemas de conversação. Os intérpretes precisam ser diplomados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

No tópico VI, da Lei nº 10.436 de 2002, que aborda do direito à educação à pessoa surda, é seguro que a educação se constitua provida em instituições públicas de ensino, com o acompanhamento de um intérprete em classe de aula, para que o ensino/aprendizagem possam ser bilíngues e o surdo ser compreendido

no ensino regular. A aludida lei causa ainda o direito à saúde, que necessita ser garantido na rede pública de saúde. Direitos esses que perpetram com que a lei de Libras constitua o mais importante direito conquistado durante toda a narrativa dos surdos no Brasil. Uma ocasião que acarreta à importância de uma cultura, uma identificação e língua.

É indispensável corroborar que a educação do estudante surdo está em evidência por fazer em vigor uma política de inclusão. Sendo assim, a partir do ajuste consolidado pela sociedade, no que se alude ao requerimento do ingresso de todos a uma educação de qualidade, o contexto adveio a ser tratado densamente, especialmente, nas escolas.

Competindo destacar que quando se fala em inclusão, determinados aspectos não são aludidos, buscando, por exemplo, o conceito de que a inclusão demanda reconhecimento, valorização e consideração à distinção desses indivíduos que, por ocasiões, são incluídas as demandas como igualdade, diferença e dessemelhança, no que fere os direitos humanos, assim sendo, a diferença se torna componente complementar da pessoa com deficiência, neste caso característico, o surdo, como Aranha faz referência:

[...] tratar a todos igualmente não significa promover a igualdade de oportunidades, já que se estaria tomando como padrão uma figura invisível e idealizada de homem, que certamente não dá conta de representar a diversidade. Tratar igualmente a todos requer, igualmente, que se considere, no âmbito das políticas públicas e no das práticas sociais, as necessidades específicas que caracterizam a cada um como pessoa humana, em seu contexto histórico, social, cultural e econômico (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 15).

A inclusão não cabe apenas colocar alunos com categóricas deficiências na classe de aula regular, ou em uma classe multifuncional, pois a educação inclusiva tende a receber, abranger e envolver o aluno com deficiência, e harmonizar-se com a sua necessidade acoplado com os outros descritos “normais”.

É primordial a aquisição das duas línguas e o principal é caminhar para que exista a inclusão e comunicação entre ouvintes e surdos, com o intuito de que o surdo alcance interatividade em sua comunidade surda e na ouvinte.

[...] o ensino de língua portuguesa, como segunda língua para surdos, baseia-se no fato de que esses são cidadãos brasileiros, têm o direito de

utilizar e aprender está língua oficial que é tão importante para o exercício de sua cidadania. O decreto 5626 de 2005 assiná-la que a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngue, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p.17).

Até o momento, a educação especial é empregada pelos estudantes com carência intelectual. Porém, a afirmativa dessa perspectiva pode estar de algum modo, equivocada, contendo o aspecto de que a educação basilar empregada nas escolas regulares precisa abranger um pouco mais de como acontece à inclusão e a aprendizagem de seus alunos, independente da carência que este possua na educação especial.

Dessa maneira, a educação especial é:

[...] uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem comum do ensino regular (BRASIL, 2008, p. 15).

A Política Nacional de Educação Especial, no aspecto da educação inclusiva, ratifica que:

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular. O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p. 16).

Comono Atendimento Educacional Especializado, a Secretaria de Educação Especial especifica:

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com

vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p. 15).

É relevante a seriedade do atendimento educacional especializado e de que esteja pronunciado com as propostas pedagógicas recomendadas no ensino comum. Contendo a importância desse acolhimento, com ações de maneira integrante e adicional ao ensino regular. A partir dessa configuração, o AEE precisa incluir-se no Projeto Político Pedagógico da escola como uma atuação de toda a identidade escolar e não apenas uma atuação prendida ao professor especializado. Neste contexto, pode haver um fundamentalismo que tenha uma coligação entre o trabalho concretizado e efetivo pelo professor do ensino regular e pelo professor do AEE, trazendo como início de que ambos trabalham com o mesmo educando.

Conceitua-se a aprendizagem e também a educação inclusiva, no discorrer da probabilidade de coexistir com a imprevisão, com o inesperado gesto do aluno. Sendo assim, uma variável concepção de novos artifícios e metodologias nas culturas de lecionar com cada aluno, a ultrapassar dificuldades cognitivas.

É importante ressaltar que o aluno aprende quando consegue captar o brilho no olho do mestre ao supor nele um sujeito com desejo e capaz de aprender. O entusiasmo do aluno será resultante dos “aspectos subjetivos de quem ensina, ou seja, como ele mesmo, sujeito que ensina, mas que também aprende, lida com saber e o conhecer” (RUBINSTEIN, 2003, p. 136).

A inclusão, no que diz respeito ao ensino dos alunos surdos, deve ser entendida como a educação que permite aos educandos um preparo para que este possa ser arraigado no mercado de trabalho, inserido de maneira mais concretizada na sociedade como um todo.

2.10 Biblioteca Inclusiva

A biblioteca inclusiva é acessível a todos, independentemente de as pessoas terem alguma deficiência ou não. É dessa forma que as bibliotecas no Brasil deveriam ser para atender aos cidadãos, com a possibilidade de que eles pudessem fazer uso da informação.

Nesse sentido, Oliveira (2012) afirma que o processo de inclusão de alunos com surdez nas instituições comuns de ensino é uma questão bastante

complexa, pois tem como principal foco de discussão sua especificidade linguística representada pela língua de sinais.

Em se tratando de Educação Inclusiva, a escola inclusiva deve atender às necessidades de “todos” e quaisquer alunos, nessa escola, as atitudes enfatizam uma postura não só dos educadores, mas de todo o sistema educacional. Uma instituição educacional com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educativa que se deve dar a todas as diferenças individuais, inclusive às associadas a alguma deficiência em qualquer instituição de ensino, e em todos os níveis de ensino (OLIVEIRA, 2012, p. 94).

Diante disso, é necessário saber como é a utilização dessa modalidade linguística nas instituições, visto que pessoas com necessidades especiais, no caso dos surdos, sofrem com a falta de acessibilidade, mesmo com aprovação de algumas leis para ampará-los.

Vieira (2014) observa e cita em sua pesquisa que, mesmo possuindo o apoio de associações e organizações, ainda existem barreiras em cumprir as legislações, que não só seriam utilizadas no âmbito escolar, mas também no mercado de trabalho, transporte, lazer e cultura. No caso das bibliotecas, mesmo se colocassem em prática esses decretos, não estariam preparadas para o atendimento especial.

Ainda na perspectiva de Vieira (2014) a maioria das bibliotecas não possui estrutura física e nem móveis apropriados para dar à acessibilidade aos surdos e a qualquer outro que venha a ter alguma deficiência. Portanto, é válido o investimento na área TIC, pois já passou por experiências em bibliotecas Universitárias, que conseguiram alcançar seus objetivos, mesmo não tendo sucesso na procura com iniciativas nessa área de deficientes auditivos.

Neste caso, é importante destacar que esse método poderá ser usado em bibliotecas escolares para surdos, com a utilização da TIC como uma ferramenta de ajuda e interação, na falta de mobiliário e ambiente acessível.

A primeira tecnologia utilizada pelos surdos para comunicar com pessoas distantes foi o telefone especial para surdos chamado TDD. Poucos chegaram a ter um no Brasil, pois os aparelhos eram importados e caros e possuir uma linha telefônica muitas vezes demandava anos de espera (STUMPF, 2010, p. 5).

As comunidades surdas que se comunicam entre si são mínimas ou quase nenhuma. Segundo Stumpf (2010, p. 5) “na maioria das vezes, vivem e trabalham em locais onde todos, ou quase todos, são ouvintes e sua comunicação com eles é reduzida”, ou seja, a maioria dos surdos se comunica com ouvintes, do qual muitas das vezes, estes entendem pouco ou quase nada a língua dos surdos - a Libras.

Diante dessa situação, a tecnologia foi um suporte relevante porque proporcionou a comunicação entre surdos e ouvintes, dando a oportunidade de novos relacionamentos e a comunicação com o mundo através de grupos virtuais, pois a cada dia a tecnologia está ganhando mais velocidade de tal forma que exige mais das pessoas a compreensão das informações, sejam elas fatos ou notícias, uma vez que a leitura visual é essencial para a busca do conhecimento.

A bina foi um recurso tecnológico que facilitou a vida dos surdos, barata e fácil de usar. Hoje, os telefones celulares, com suas mensagens e torpedos, estão nas mãos da maioria dos surdos urbanos e alfabetizados (STUMPF, 2010, p. 5).

Além da internet, a bina e a televisão com legendas ajudaram muito os surdos na comunicação deles, mesmo que hoje o Brasil ainda possua alto índice de pessoas baixa renda sem acesso à internet. Com isso, a comunicação de celular via SMS se tornou enriquecedora na relação de comunidades surdas e ouvintes.

O Ministério Público Federal, por meio da Procuradoria da República em acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (BRASIL, 2004), Acessibilidade a Edificações, Mobiliários, Espaços e Equipamentos Urbanos, bem como outras normas referentes aos direitos das pessoas com necessidades especiais, forneceram informações necessárias que devem ser seguidas para a adaptação nos espaços.

Diante dessas informações, para inserir a acessibilidade para esses deficientes auditivos, várias decisões devem ser tomadas pelo bibliotecário, em obediência as normas, leis e decretos, para aplicá-las na biblioteca e permanecer sempre atento caso o usuário seja portador de necessidade ou não.

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A

participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação (BRASIL, 1994, p. 15).

Na busca da biblioteca inclusiva, percebe-se a preocupação de incluir pessoas com a deficiência auditiva em atividades diversas, por meio de materiais que as estimulem para o acesso à biblioteca.

Essa deficiência na biblioteca não pode ser uma barreira para espantar esses leitores especiais. A biblioteca inclusiva, como já diz o nome, terá que ser inserida em todos os tipos, sejam estes em biblioteca pública, privada, universitária e escolar, pois independentemente da instituição, todas terão que exercer seu papel de inclusão sem distinção, mesmo com a precariedade em alguns serviços e, com isso, pode ocorrer o afastamento dos usuários especiais que vão em busca da informação.

A maneira de olhar atualmente gera muito desconforto quando um usuário com limitação procura algum serviço na biblioteca do qual não está ao seu alcance, mas, independentemente da falta desse serviço, o bibliotecário terá que desempenhar o seu papel que é fundamental para transformar um local acessível para todos, sem gerar ambiente de exclusão, pois todos deverão utilizar os mesmos locais, e dependendo das necessidades de serviços diferentes, aplicar as normas para melhor atendê-los.

O acesso ao mundo da tecnologia veio para revolucionar a vida de todos os surdos e ouvintes, apontando novos horizontes e expectativas para alcançar algo melhor, pois a busca das informações e como utilizá-las são muito importantes para o crescimento do conhecimento e aumento da compreensão da leitura.

2.11 A atuação do bibliotecário escolar no atendimento aos surdos

Primeiramente o papel do bibliotecário escolar é desempenhar as funções educativas e culturais ao selecionar os acervos de acordo com o tipo de usuários, desenvolver estudos, pesquisas e criar estratégias de leitura, na qual contribua para o desenvolvimento do conhecimento e as atividades de ensino.

As cinco leis de Ranganathan (2009) foram: os livros escritos para ser lidos, todo leitor tem seu livro, todo livro tem seu leitor, poupe o tempo do leitor, uma

biblioteca é um organismo em crescimento. Essas cinco leis são utilizadas atualmente, pois fazem parte da realidade da maioria das bibliotecas.

Essas leis fazem parte da vida do bibliotecário e leitor, já que os livros servem para serem lidos, contribui para o crescimento da informação, facilitando a acessibilidade, para que todo livro tenha seu leitor e todo leitor tenha seu livro; o bibliotecário terá que conhecer seus usuários de modo geral e cada detalhe para o acervo ser bem preparado.

O tempo do leitor terá que ser poupado, em que a indexação, catalogação e um sistema adaptado corretamente fará com que esse tempo para atendimento ao leitor diminua como também o serviço de referência pode contribuir para encontrar a informação desejada do leitor, que conforme a última lei, a biblioteca está sempre em crescimento, pois o sistema terá que está atualizado para fornecer dados sobre empréstimos, consultas e pesquisas, com o objetivo de facilitar a vida de todos.

A biblioteca é um espaço cultural, criado e mantido para o usuário. Quem o cria e o mantém? O bibliotecário. Se ele cria e mantém esse espaço cultural tem a obrigação de ser culto. Originalmente o bibliotecário devia ser, antes de tudo, um erudito.

A explosão bibliográfica transformou-o em um técnico sem erudição. Esse foi um erro da Academia colocando no currículo dos cursos de Biblioteconomia uma maciça dose de disciplinas técnicas, em detrimento das humanas e sociais. Então, o bibliotecário deve ser um profissional capacitado que saiba o que fazer, está pronto para a tomada de decisão e sempre se atualizar, a fim de colocar em prática o que estudou.

Se a biblioteca é um organismo vivo, dinâmico, seus profissionais têm de agir com dinamismo, driblando as dificuldades financeiras e entraves burocráticos buscar o que perdeu: ser um autodidata em cultura geral. Não é possível ler todos os livros, mas ler todos que for possível – essa deveria ser a palavra de ordem dos bibliotecários interessados em adquirir e garantir um acervo de qualidade (CALDIN, 2005, p. 2).

Diante dessa informação, a biblioteca, para alcançar os seus objetivos, “entram em jogo suas habilidades diplomáticas e competências argumentativas para montar um acervo rico e diversificado” (CALDIN, 2005, p. 2).

A biblioteca e o bibliotecário devem estar em dinamismo por ser uma unidade informacional procurada por pessoas com interesses e necessidades. Neste ponto, todo bibliotecário terá que aplicar o seu crescimento técnico com o objetivo de suprir as necessidades dos seus usuários para que saiam satisfeitos.

Assim, na década de setenta, a literatura infanto-juvenil, travestida de contos de fadas modernos, questionava o autoritarismo do governo militar e se configurava como uma forma de denunciar o governo, a opressão e a censura (CALDIN, 2005, p. 2).

Conforme essas informações, Caldin (2005) fala sobre a importância da biblioteca escolar ao destacar a literatura infanto-juvenil, isto para chamar atenção de jovens que não gostam ou não tenham o hábito de ler, pois nos dias de hoje, acreditam-se nas histórias inovadoras e prazerosas, ao contrário de antigamente em que a literatura infanto-juvenil não era tão valorizada, já que em algumas décadas eram apontadas para atacar os governos que conseqüentemente não chamava a atenção dos usuários.

Para Ribeiro (2012), o bibliotecário é o principal mediador da informação, e o usuário tem consigo a capacidade de tal desempenho, incluindo assim os portadores de necessidades especiais, em especial os surdos através do uso da Libras. Dessa forma, os tipos de bibliotecas mais conhecidas eram: as públicas, infantis, escolares, universitárias e especializadas. Diante disso, alguns desses tipos de bibliotecas como as públicas atendem a todo tipo de público com acervos diferenciados para vários gostos e leituras.

A biblioteca escolar trabalha com projeto pedagógico, da qual pertence e atende a usuários específicos como alunos, professores, funcionários da instituição, os familiares e comunidade. Já a biblioteca universitária tem um trabalho de continuidade realizado pela biblioteca escolar, que atende a comunidade acadêmica em geral, podendo ser instituição pública ou privada. Na biblioteca especializada é inserida em uma instituição com interesses específicos do conhecimento em uma ou mais áreas e pode ser caracterizada por uma unidade de ensino superior. Porém, a biblioteca comunitária não foi citada por Ribeiro (2012), por acreditar que é bastante conhecida, mas faz parte dos tipos de biblioteca e não tem qualquer vínculo com o governo, porém, é sustentada pela comunidade para promover o incentivo à leitura com suas próprias regras para garantir o acesso à informação.

Ainda na visão de Ribeiro (2012), o curso de Biblioteconomia e Documentação tem que seguir rigorosamente com seus objetivos e, para isso, é necessário aplicar todos os conhecimentos que há, como seleção, registro, classificação, catalogação, indexação e disponibilização da informação, e se a cada dia o bibliotecário buscar mais atualizações terá mais preparo e habilidades para aplicar na biblioteca.

É importante destacar que o que define a inclusão da educação não é dicotomia e fragmentação dos sistemas escolares em modalidades diferentes, mas a capacidade da escola em atender às diferenças nas salas de aula, sem discriminar, sem trabalhar à parte com alguns, sem forjar regras específicas para se planejar, para aprender e para avaliar (BATISTA, 2015, p. 18).

Diante dessa situação, é dever da escola atender as necessidades especiais do aluno e mostrar o significado de inclusão social para surgir a importância do planejamento, trabalhando com todos de forma igual sem discriminação.

Entende-se por inclusão escolar o conjunto de processos fruto de importantes transformações na estrutura dos sistemas de educação, no interior do sistema escolar e no conjunto das práticas educacionais dentro e fora da sala de aula (BATISTA, 2015, p. 22).

A informação acima consiste na ideia de acessibilidades a todos sem discriminação de raça, classe social e religião. Assim, possibilita que os alunos ocupem seu espaço na sociedade.

Com o apoio do bibliotecário, o planejamento terá um seu potencial fazendo com que essas diferenças desapareçam e a cada dia está relacionado ao amor próprio e ao cumprimento do dever que exerce porque o respeito terá que vir acima de tudo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho exploratório, pois consiste no levantamento bibliográfico e comparativo de dados coletados em campo, por meio de entrevistas (voluntários) e experimentos, que facilitaram em um conjunto de abordagens técnicas e processos sistematizados e utilizados para a investigação do problema com sua proposta aplicada e baseada no paradigma sócio histórico, sob as teorias da defectologia de Vygotsky, bem como do bilinguismo de Angela Siqueira.

Defende-se, assim, a configuração dos estudos de citação como uma especialidade científica dotada de teorias, conceitos e objetos próprios, de métodos, técnicas e instrumentos diversificados, com propósitos e justificativas que regulam suas ações e definem sua identidade. Por se tratar de uma incursão bibliográfica e exploratória, esta revisão, apesar de não ser exaustiva, busca estabelecer as bases epistemológicas dos estudos de citação (CAREGNATO; SILVEIRA, 2017, p. 252).

As referências contribuem para chegar ao objetivo. De acordo com Gil (2009), as informações coletadas já existentes, como livros e artigos científicos podem ser desenvolvidas para contribuir com a pesquisa, tornando-se assim, mais precisa a análise e interpretação de dados, na construção de um bom trabalho científico.

Partindo desse princípio, Caregnato e Silveira (2017) apresentam três etapas de pesquisa, que são:

- a) levantamento bibliográfico;
- b) sistematização bibliográfica;
- c) elaboração da matriz epistemológica das teorias.

A literatura engloba diversas vertentes teóricas, tal como citação, possibilitando as investigações de elementos, recursos, resultados e métodos em proporções bem colocadas. Dessa forma, é importante já saber de início o significado da pesquisa, pois envolverá os fatos e situações a serem estudados, com a geração do senso crítico.

A literatura especializada explicita os elementos abarcados pelas correntes teóricas dos estudos de citação, mas não há uma sistematização crítica dos

limites epistemológicos e dos aportes e recursos envolvidos. Neste espectro de alcance, a questão de pesquisa é: qual a configuração epistemológica das teorias voltadas para os estudos de citação? Assim sendo, admite-se que essas investigações têm elementos, recursos, métodos, produtos e resultados bem definidos, como também a complementaridade e a oposição entre os recortes teóricos frente às proposições colocadas pelos pesquisadores (CAREGNATO; SILVEIRA, 2017, p. 250).

A variável investigada é a leitura visual do surdo, este é o principal elemento motivador, norteador e participante da hipótese da pesquisa, que pode ser analisado através de experimentos. Logo, possibilitou a participação de intérpretes ouvintes nas atividades, na qual auxiliaram os surdos durante a leitura e entrevista, ou seja, os intérpretes contribuíram para a análise do grau de dificuldade do surdo.

Observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível a frequência com que um fenômeno ocorre sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política econômica e demais aspectos do comportamento humano [...] (BERVIAN; CERVO; SILVA, 2007, p. 61).

Nesse sentido, os autores afirmam que é importante conhecer a pesquisa, descobrir os fenômenos e sua natureza, do qual são desenvolvidas suas características. A “pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (RUDIO, 2009, p.71). O autor não pensa diferente dos outros autores, pois com o intuito de observar todo o fenômeno ao seu redor, busca caracterizar todas e diversas situações.

Em consonância, será possível levantar as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa de coleta dados através de observação da leitura dos surdos para saber se para eles é importante que tenha esse hábito com a leitura visual e será estruturada com entrevista individual composta de questões abertas, “cabe ao pesquisador apelar para uma pequena amostra de voluntários” (SILVERMAN, 2009, p.63).

A metodologia adotada nesta pesquisa trata-se da pesquisa-ação. Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que possibilitou encontrar fundamentos teóricos referentes ao tema proposto, bem como resultados da leitura visual de surdos. Já na segunda foi feita uma sondagem para poder coletar os dados, através da pesquisa-ação, individual e em campo.

Desse modo, a presente proposta da pesquisa decorreu da abordagem antropológica, de maneira que o objeto é reconstruído no momento da investigação. De acordo com Bari (2008, p.19) a pesquisa antropológica “faz parte de metodologias como “a pesquisa participante” aplicada nos trabalhos de campo de aproximação científica com as concretizações no âmbito popular recomendadas por intelectuais [...]”

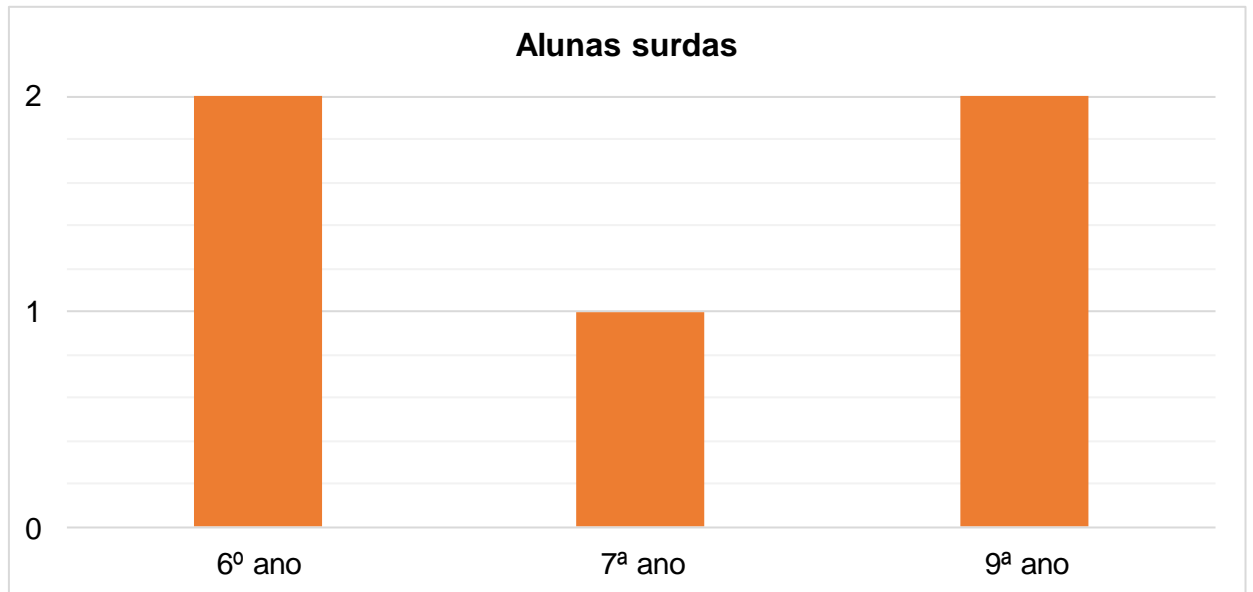
A observação assistemática ou não estruturada, denominada também como espontânea, informal, simples, ocasional e acidental pelo fato de que o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 87).

O método para levantamento de dados foi qualitativo em sua abordagem, uma vez que precisou utilizar experimentos de observação do leitor surdo, com histórias em quadrinhos e entrevista individual estruturada, compostas por questões abertas, que é aplicada quando o objetivo do estudo é compreender as coisas que levaram a pesquisa e o número pequeno de entrevistados para alcançar a qualidade do assunto em questão.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador se “preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significações, motivos, crenças, aspirações, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo de relações”. A interpretação destes fenômenos e a atribuição de significados a eles são básicas em tal processo. Nos estudos transversais, identificam-se uma determinada população alvo em um determinado momento, em que se aplicam os instrumentos de investigação. São os estudos rápidos e de baixo custo e, por abordarem a população num determinado momento, sofrem as limitações de efeitos de seleção (RUIZ, 2002, p.16).

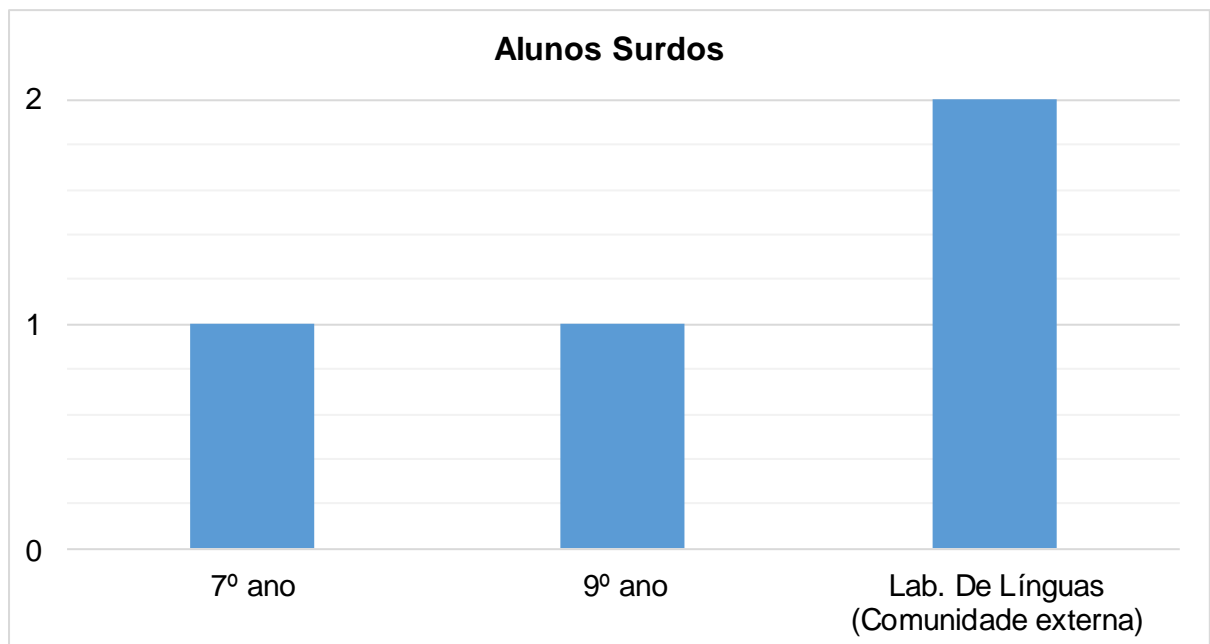
A Escola estadual 11 de Agosto surgiu com a intenção de atender a comunidade local e também os alunos que são surdos. Desse modo, foi possível a promoção da aprendizagem de língua portuguesa e a Libras. A escola está localizada em Aracaju/SE e tem uma apropriada estrutura para atender a demanda.

Gráfico 1: Alunas surdas que participaram da pesquisa, por turma.



Fonte: Dados coletados e analisados por Anne Karoline da Cruz Castro.

Gráfico 2: Alunos surdos (sexo masculino) que participaram da pesquisa, por turma.



Fonte: Dados coletados e analisados por Anne Karoline da Cruz Castro.

Os instrumentos de sondagem foram desenvolvidos pela autora desse trabalho, porém sua modelagem foi baseada nos experimentos expandidos pela Profa. Valéria Aparecida Bari, desde o ano de 2010. A aplicação da observação de campo foi modelada com base nas vivências em leitura do Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa da Universidade Federal de Sergipe (PLENA), registradas como sondagem de campo do trabalho de conclusão de curso de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017).

A aplicação foi realizada com a participação de 7 alunos surdos da Escola Estadual 11 de Agosto e 2 alunos do Laboratório de Línguas, comunidade externa constituindo o total de 9 participantes. Os alunos surdos demonstraram interesse em participar do experimento, uma vez que tinham o objetivo em aprimorar a leitura por meio das histórias em quadrinhos, contribuindo para a coleta de dados. Diante do exposto, pode-se afirmar que a aplicação da mediação de leitura visual das histórias em quadrinhos pode ter variação com alunos da comunidade interna.

O primeiro desafio foi analisar a ficha de leitura, isto para que possibilitasse uma melhor leitura da obra ao surdo. Essa ficha proporcionou aos alunos um bom envolvimento, pois havia informações que ajudaram cada aluno a sentir emoções da literatura, através do título, resenha, comentário sobre a obra, público-alvo e vocabulário de apoio.

Para conhecer melhor o letramento dos surdos da escola participante, foi elaborado um questionário, no caso a pesquisa de opinião com perguntas fechadas baseada na escala Likert, com o intuito de que todos pudessem retratar sua satisfação de leitura, em relação às atividades do ambiente escolar. Para tanto, as escalas foram selecionadas de acordo com a Teoria da Psicologia da Informação.

Conforme Dalmoro e Vieira (2013) as escalas de avaliação são utilizadas para investigar como os seres humanos detêm-se do conhecimento, por meio de motivações e experiências.

Logo após, determinar as escalas que foram importantes para averiguar a melhor maneira de apresentar as assertivas para os surdos. Desse modo, foi realizada a montagem da escala Likert de maneira que pudessem relatar os níveis de satisfação. Além disso, proporcionou traçar o perfil dos participantes, facilitando a análise dos dados.

A escala Likert é um tipo de escala de resposta que é utilizada em questionários e em pesquisa de opinião. Para responder ao questionário baseado na escala Likert, os perguntados devem especificar o nível de concordância e discordância. Esta escala possui esse nome devido à publicação do relatório explicado por Rensis Likert. É importante colocar que Lussato foi o responsável para explicar a escala Likert, uma vez que o mesmo apenas criou as escalas. A escala Likert, de acordo com Lussato (1991):

- Escala H: algedônica [...];
- Escala E: estética [...];
- Escala L: lógica [...];
- Escala U: utilidade [...];
- Escala M: ética [...].

Para analisar o aumento intelectual, habilidades e competências leitoras através das histórias em quadrinhos, foram utilizados os experimentos da Coleção Clássicos em HQ's. Os exemplares selecionados durante o experimento foram:

- COUTINHO, L. Os gatos: bigodes ao léu;
- WATTERSON, B. O ataque dos transtornados monstros de neve: mutantes assassinos;
- SACCO, dos J. Palestina: uma nação ocupada;
- SRBEK, W; COLIN, F. Fantasmagoriana;
- LIMA, A. K. V. Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida.

A partir disso, foi apresentado aos 9 alunos um termo de consentimento, na qual para os alunos menores de 16 anos, foram colhidas das assinaturas dos responsáveis. Após recolher o Termo de Consentimento, pedimos que os alunos escolhessem as histórias em quadrinhos e realizassem a leitura, já que buscou o estímulo para a formação de leitores surdos e isso foi de fundamental importância independentemente da HQ escolhida para responder as sentenças. Por conseguinte, os voluntários responderam três questões:

- Enredo: Você é capaz de descrever a história que leu de forma resumida, descreva?

- Vocabulário: Alguma palavra lhe chamou mais atenção? Descreva o significado da palavra?
- Interpretação/afetividade: O que você sentiu ao ler o texto? Emoção? Surpresa? Susto.

Essas questões foram baseadas, de acordo o conceito de Colomere Teberosky (2003) para analisarem o perfil do participante, através do nível de escolaridade, idade e sexo. Isso com o intuito de que os informantes completassem os dados do Termo de Consentimento para que pudesse utilizar os dados de forma segura e prática na pesquisa. Ao concluir as amostras, foi realizada a análise dos dados em conjunto com a pesquisa bibliográfica.

4 ANÁLISE DA PESQUISA

Esta seção se destina para discussão e descrição dos dados coletados da pesquisa, já que decorreu de observações e contribuições dos participantes através de diálogos (com o auxílio do intérprete de Libras), e principalmente de um questionário de perguntas abertas e fechadas.

As sondagens de campo puderam demonstrar o quanto a atividade foi prazerosa e interessante para os voluntários. Eles gostaram do interesse e da proposta do projeto, com isso, empenharam-se e colaboraram com a leitura.

As figuras (5 e 6) mostram o momento que as atividades foram desenvolvidas em ambiente agradável e arejado. Isso favoreceu para que os participantes ficassem confortáveis para realizar a leitura visual e responder aos questionários. Na primeira vivência de mediação de leitura, agendada para 03/07/2018 até 12/07/2018, distribuímos o Termo de Consentimento para os menores de 16 anos, quem tinha a maior idade assinou no momento. Já a segunda vivência, aconteceu nos dias 13/07, 16/07 e 17/07 de 2018, momento que foi realizada a roda de leitura que possibilitou observar os alunos e a aplicação da atividade, com a ajuda do intérprete de Libras, que considerou envolvente a roda de leitura.

Utilizou-se como artifício as fichas de leituras, com isso os alunos puderam selecionar a história em quadrinhos com a intenção de apoiar a mediação de leitura. Porém, o que mais chamou a atenção dos participantes foi a imagem e o título. Na sondagem, os surdos nomearam “Os gatos: bigodes ao léu” (COUTINHO, 2004), já que pode ser facilmente compreendida e também a imagem chamou a atenção pelo seu colorido e arte. Isso poderá ser evidenciado no desdobramento da análise.

Para cada turma da Escola 11 de Agosto em que há um surdo tem um intérprete de libras. Dessa forma, durante a sondagem houve a participação de um intérprete ouvinte que foi essencial para estabelecer a comunicação entre o pesquisador (a) e os surdos. O intérprete elencou que a mediação de leitura visual por meio das histórias em quadrinhos é uma abordagem que pode melhorar o desempenho do aluno surdo da escola.

Ao realizar a análise dos dados, ficou constatado que as alunas e os alunos obtiveram resultados variados, visto que os participantes tinham dificuldades

no momento da leitura. Para analisar os dados, foi realizada uma segregação por sexo/gênero, com a intenção de enriquecer a pesquisa. É importante colocar que, durante a análise, foi identificado que os alunos têm mais pontos em comum.

Quando a aplicação foi feita com os alunos surdos do 6º, 7º, 8º e 9º anos, dois alunos surdos do laboratório de línguas, na qual um cursa o 2º ano do ensino médio e outro o 2º ano do ensino fundamental se ofereceram para participar do experimento, pois queriam aprender como fazer para trabalhar a leitura visual das histórias em quadrinhos para poder aplicar em sala de aula. Assim, foram coletados os resultados do experimento desses estudantes surdos, pois foi possível verificar que são alunos voluntários que convivem e dividem as ideias e dificuldades da vida escolar.

Os registros fotográficos das duas vivências de leitura, que são as sondagens de campo, mostram que a atividade foi interessante e prazerosa para os surdos voluntários. Na verdade, causou surpresa na pesquisadora, pois eles ficaram muito felizes com a atenção, gostaram da novidade e procuraram cooperar para tentar realizar a leitura e compreender o conteúdo. Explicamos: a primeira vivência de leitura foi agendada no dia 3 de julho de 2018 a 12 de julho de 2018 (figura 4). Ocorreu com alunos surdos que compareceram. Tivemos a visita de uma intérprete de libras com a professora, que gostaram da prática e criaram a oportunidade para agendar um conjunto de vivências de leitura para todas as turmas na semana de 13 a 17 de julho de 2018 (figuras 5 e 6).

Como pode ser visto nos registros fotográficos (figura 7), as fichas de leitura desenvolvidas para apoiar a mediação foram dispostas junto aos quadrinhos, ajudando na escolha. Os títulos das histórias em quadrinhos foram os que chamaram a atenção, a arte da capa e a grossura.

O trabalho dos intérpretes da Escola Estadual 11 de Agosto foi muito importante nas vivências de leitura. Mas, na segunda sondagem, pudemos contar com a ajuda dos professores também, pois auxiliaram no momento da aplicação e acompanharam as leituras de cada aluno.

Os dados coletados dos alunos do laboratório de línguas foram computados para essa pesquisa porque estávamos buscando a variável da leitura dos surdos. Vimos que a participação desses estudantes foi importante, pois eles também tiveram um aprendizado sobre a mediação de leitura das HQ's que podem

praticar com seus colegas em seu futuro trabalho, nas atividades de Atendimento Educacional Especializado, por exemplo.

Inicialmente, a pesquisa era para ter sido realizada com 15 alunos surdos da escola, porém, ao distribuir o Termo de Consentimento para os pais autorizarem a participação na amostra, apenas 7 apresentaram o termo assinado, com isso dois alunos do laboratório de línguas participaram da vivência.

O procedimento de mediação de leitura é considerado importante durante o processo de leitura em bibliotecas e escolas. Esse modelo é pouco conhecido e o seu valor prático somente ficará claro se houver o desenvolvimento cultural com a cooperação das pessoas, em especial, professores e bibliotecários que devem trabalhar com as histórias em quadrinhos, pois detêm de uma linguagem esquemática; para que seja mais fácil de compreender cada vinheta, as HQ's obedecem a um padrão e as cores são dosadas. Para Oliveira (2017), o pensamento científico tinha iniciado com a mediação e continuado no uso da linguagem para a construção do psicológico.

Diante disso, os estudantes da Escola 11 de Agosto ficaram empolgados e acharam os materiais muito bonitos. São revistas em formato A4, com impressão em quatro cores, com apenas 2 revistas em preto-e-branco. De acordo com Siqueira (2008), a mediação é um método que tem se destacado por envolver os participantes, pois facilitam o desenvolvimento das habilidades de leitura dos alunos através do gênero textual HQ mediado em Libras, já que possui uma estrutura de desenhos coloridos ou preto e branco com uma sequência de fatos.

O gênero é determinado pela esfera social, pelas necessidades temáticas, pelo conjunto de participantes, pela vontade enunciativa e interação com o locutor. Três elementos caracterizam os gêneros discursivos: conteúdo temático, construção composicional e estilo;

- O Conteúdo temático é entendido pelos conteúdos ideologicamente conformados que se tornam comunicáveis através dos gêneros;
- A Construção composicional são os elementos de estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos dos gêneros;
- O Estilo é a configuração específica da unidade da linguagem, traços de posições enunciativas do locutor, ou seja, marcas linguísticas (SIQUEIRA, 2008, p. 35).

Os adolescentes da escola estudam a Língua Brasileira de Sinais fazendo com que aumente a sua autoestima, o conhecimento sobre a conquista dos direitos e deveres políticos e sociais, serem pessoas livres, emancipadas, compreendidas e

capazes. Conforme Bari e Vergueiro (2012), as histórias em quadrinhos têm como vantagem, para o surdo, abranger e fazer a mediação do conteúdo informacional.

O nome pelo qual identificamos os procedimentos de observação da pesquisa foi “Vivências de Mediação de Leitura”. Damos esse nome para que os voluntários soubessem que iriam participar de uma prática e contribuir com sua avaliação, vivenciar a experiência de uma leitura literária mediada, que foi divertida e ensinou novas situações comunicativas para todos participantes sem sacrifícios e obrigações.

Figura 4: Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto.



Fonte: Registro fotográfico por Anne Karoline da Cruz Castro.

Figura 5: Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto.



Fonte: Registro fotográfico por Anne Karoline da Cruz Castro.

Figura 6: Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto.



Fonte: Registro fotográfico por Anne Karoline da Cruz Castro

Figura 7: Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto



Fonte: Registro fotográfico por Anne Karoline da Cruz Castro.

Figura 8: Participantes da pesquisa da Escola 11 de Agosto



Fonte: Registro fotográfico por Anne Karoline da Cruz Castro.

4.1 Análise da mediação de leitura das histórias em quadrinhos para a formação do leitor surdo

Antes de colocar em prática a atividade, explicamos como iria ser realizada a aplicação do questionário, o tempo determinado para responder e como cada um dos participantes iria colaborar. O suporte que os intérpretes deram foi muito importante para estabelecer a comunicação com os surdos e o pesquisador durante a vivência.

Tabela 1: Fracasso e sucesso na leitura das HQ's.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	Aluno Surdo	Aluna Surda	Sucesso	Fracasso	Total
Os gatos: bigodes ao léu	2	-	1	1	2
O ataque dos transtornados monstros de neve: mutantes assassinos	1	1	-	2	2
Fantasmagoriana	-	2	2	-	2
Palestina: uma nação ocupada	-	1	1	-	1
Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida	1	1	2	-	2
Total	4	5	6	3	9

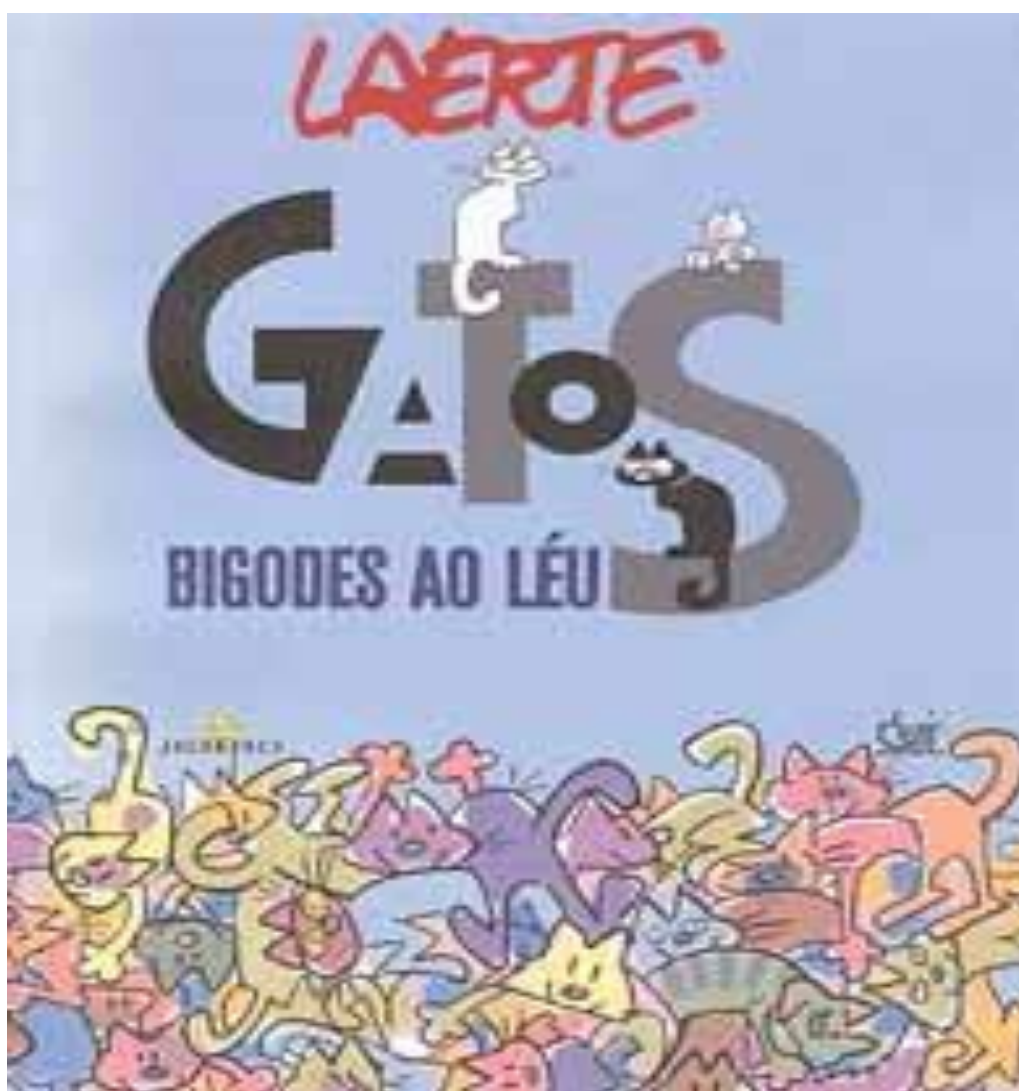
Fonte: Dados coletados e analisados por Anne Karoline da Cruz Castro.

Dessa maneira, as fichas de leitura e o vocabulário de apoio foram colocados ao lado das Histórias em quadrinhos, para que possibilitasse ao surdo escolher/selecionar a leitura que achou mais interessante para responder as perguntas abertas. A escolha das HQ's ocorreu de modo individual, ou então, coletivo para que os participantes se sentissem confortáveis e concentrados durante a aplicação do questionário. Ao final, os surdos entregaram o questionário com as descrições de cada resposta e nesse momento foi possível analisar os fracassos e sucesso da tabela 1.

Podemos verificar que as preferências das histórias em quadrinhos se oscilaram entre alunos surdos e alunas surdas, uma vez que tinha história que despertavam risos, surpresa e susto, como pode ser visto na análise de opinião.

Os alunos ficaram contentes com a atividade, na qual se encantaram com o material apresentado. Além disso, eles consideraram que essa etapa foi essencial para pôr em prática a leitura e também para a formação leitora através das Histórias em Quadrinhos.

Figura 9: Capa da História em Quadrinhos “Os gatos: bigodes ao léu”.



Fonte: Coutinho (2004).

A história que chamou mais a atenção dos participantes surdos foi “Os gatos: bigodes ao léu”, pelo título e a arte da imagem, com seu gráfico colorido e irreverente. Essa história em quadrinho ficou com o sucesso, pois o participante JF soube resumir a história, conheceu o significado e a considerou engraçada. Já o

surdo JG ficou com o fracasso, visto que não soube resumir, não conhecia o vocabulário de uma palavra e determinou como: engraçada, susto e doida; outrora, sentiu dificuldades para compreender. Ao comparar os participantes, podemos concluir que o nível de escolaridade influenciou ao descrever a experiência leitora, já que JF encontra-se no 2º ano do ensino médio e JG, no 8º ano.

Figura 10: Quadrinhos “Os gatos: bigodes ao léu”.



Fonte: Coutinho (2004, p. 21).

A história em quadrinhos “Os gatos: bigodes ao léu” possui a vinheta bem esquematizada, com traços contínuos e linhas que mostram os movimentos dos personagens, na qual é indicado que o personagem está realizando a ação, bem como as metáforas presentes no diálogo e a imagem representada em preto, branco e azul fazem com que o interesse fosse despertado.

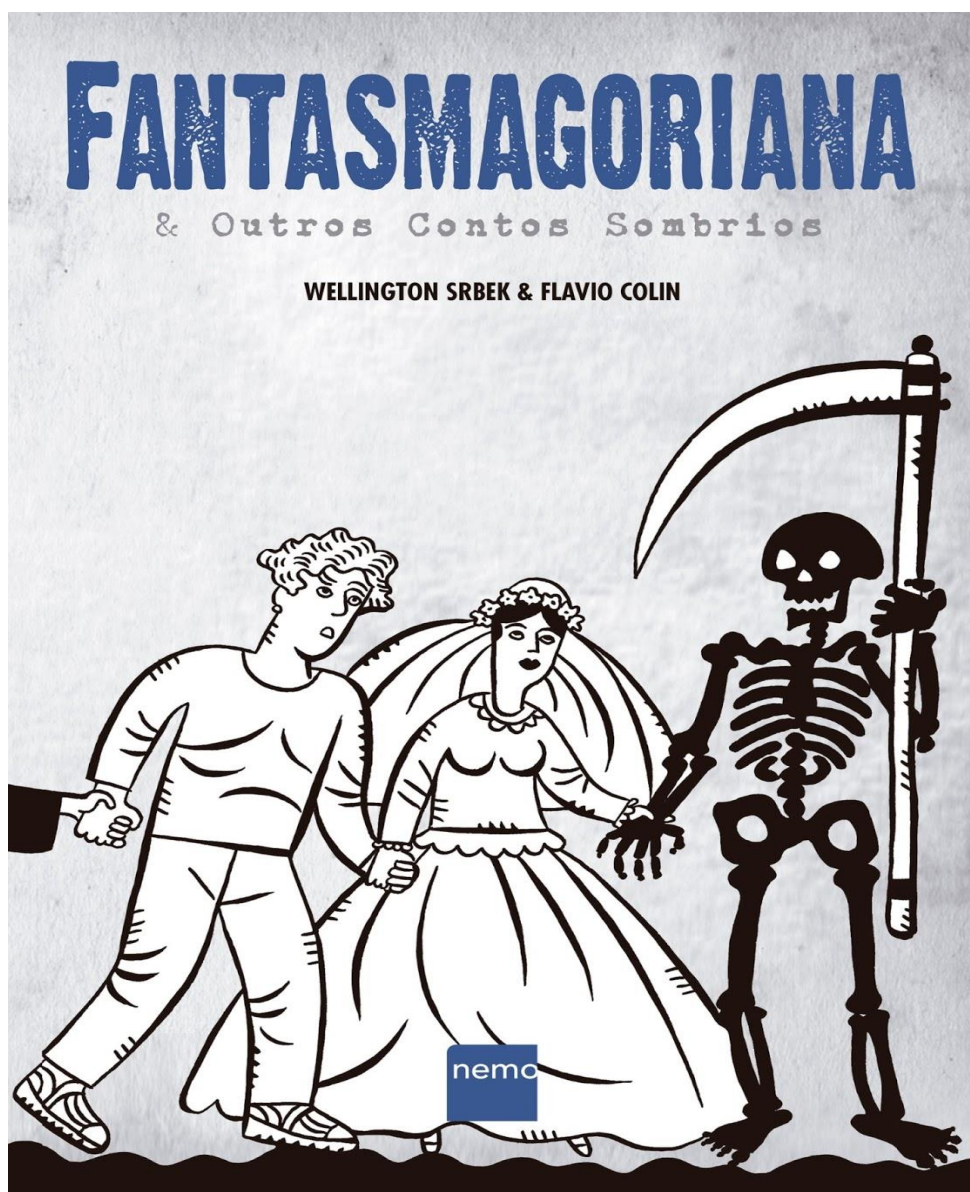
Figura 11: Capa da história em quadrinhos “O ataque dos transtornados monstros de neve: mutantes assassinos”.



Fonte: Watterson (1958).

A história “O ataque dos transtornados monstros de neve: mutantes assassinos” foi considerada muito difícil e ficou no fracasso, pois os voluntários não a compreenderam, sentiram dificuldades e não conseguiram fazer o resumo, porém, conseguiram identificar as fantasias mirabolantes, que constituem a história. De fato, é feita para crianças e requer experiência em leitura, também é traduzida do inglês e passa-se em um inverno com neve. É possível verificar que são muitas as informações que dificultam o nível da leitura.

Figura 12: Capa da história em quadrinhos “Fantasmagoriana”.



Fonte: Srbek; Colin (2013).

Fantasmagoriana chama atenção por ser uma história sombria e é considerada um sucesso dado que as participantes surdas souberam desenvolver o resumo, mostrando que conseguiram entender o real sentido da história em quadrinhos, mas uma das voluntárias não conhecia nenhum vocabulário e nessa sentença colocou apenas uma passagem da história.

Figura 13: Capa da história em quadrinhos “Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida”.



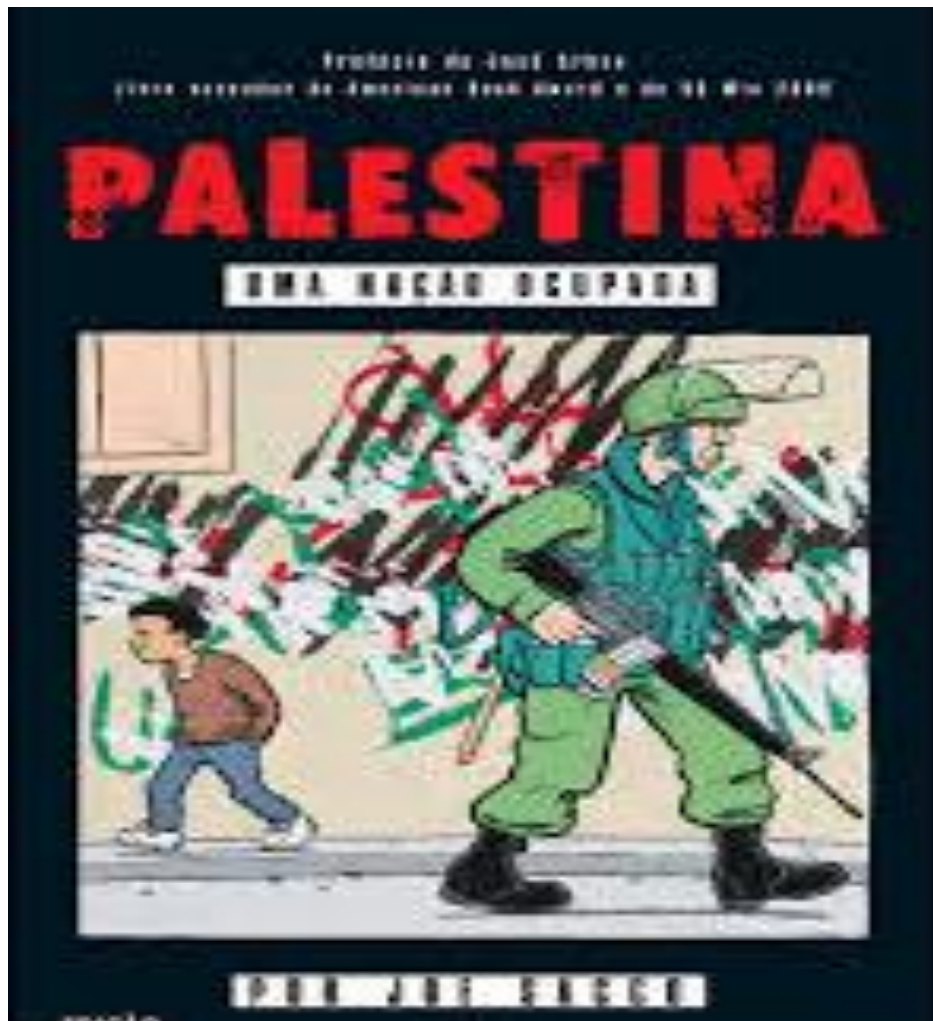
Fonte: Lima (2000).

Nessa história, os participantes surdos não conseguiram interpretar, fazer o resumo da HQ e identificar o vocabulário, porém, conseguiram expressar as sensações e emoções mostrando-se satisfeitos em responder.

Em “Palestina: uma nação ocupada”, os participantes obtiveram o sucesso, pois no resumo exploraram o conhecimento sócio cognitivo, não identificaram corretamente o vocabulário, mas expressaram a emoção que há na história em quadrinhos. Abaixo, segue o depoimento da informante surda M, que estuda no 7º ano:

Gosto mais da Palestina tem muitas pessoas da história do país.
Chamou mais atenção os personagens página 14.
Emoção.

Figura 14: Capa da história em quadrinhos “Palestina: uma nação ocupada”.



Fonte: Sacco (2004).

Após comprovar a veracidade dos objetivos que foram atingidos, expomos o depoimento de um participante, sem revelar a identidade, pois o fundamental foi mostrar como a mediação de leitura em história em quadrinhos contribuiu para o estudante surdo se identificar, gostar e participar ativamente das atividades de leitura na escola.

4.2 Perfil do Leitor Surdo

O perfil leitor dos alunos surdos da Escola Estadual 11 de Agosto foram traçados, por meio do estudo das respostas dos informantes, através da escala de Lussato (1991, p. 351)², na qual foi medida a concordância e a discordância.

- escala A: (algedônica), “Leio bem com os colegas em sala de aula. Acompanho a escrita da aula”;
- escala B: (estética), “Leio os livros em casa para entender melhor a aula”;
- escala C: (lógica), “Estudo sozinho, faço a leitura sem a pessoa intérprete”;
- escala D: (utilidade), “Gosto de ler, leio por que quero. Tenho livros preferidos”.

Utilizar a escala Likert como instrumentos de medida foi agradável pela forma simples e eficaz de responder, assim como analisar. Inicialmente com a ajuda do intérprete de libras, os surdos compreenderam os dois questionários um com questões abertas e o outro com questões fechadas. Com isso, para os desdobramentos da pesquisa, tivemos a participação de 04 alunos surdos e 05 alunas surdas, com o total de 09 voluntários. Dessa forma, ao analisar, averiguamos que ao separar por sexo/gênero houve importantes diferenças.

Os alunos do sexo masculino têm maior independência em relação aos intérpretes, porém, evoluem mais lentamente na aprendizagem, pelo comportamento de enfrentar os problemas mais solitariamente e mostrar força, por se sentirem incomodados com o rótulo de deficiente que a educação inclusiva coloca neles (OLIVEIRA, 2017).

Os perfis dos estudantes foram descritos, através de uma pesquisa de opinião, na qual há as seguintes opções para identificar o nível de discordância e concordância:

- discordo totalmente;
- discordo;

² Lussato ainda propõe a Escala E (ética), que não foi considerada relevante no esgotamento do problema de pesquisa desse trabalho, mas que pode contribuir com outros perfis leitores.

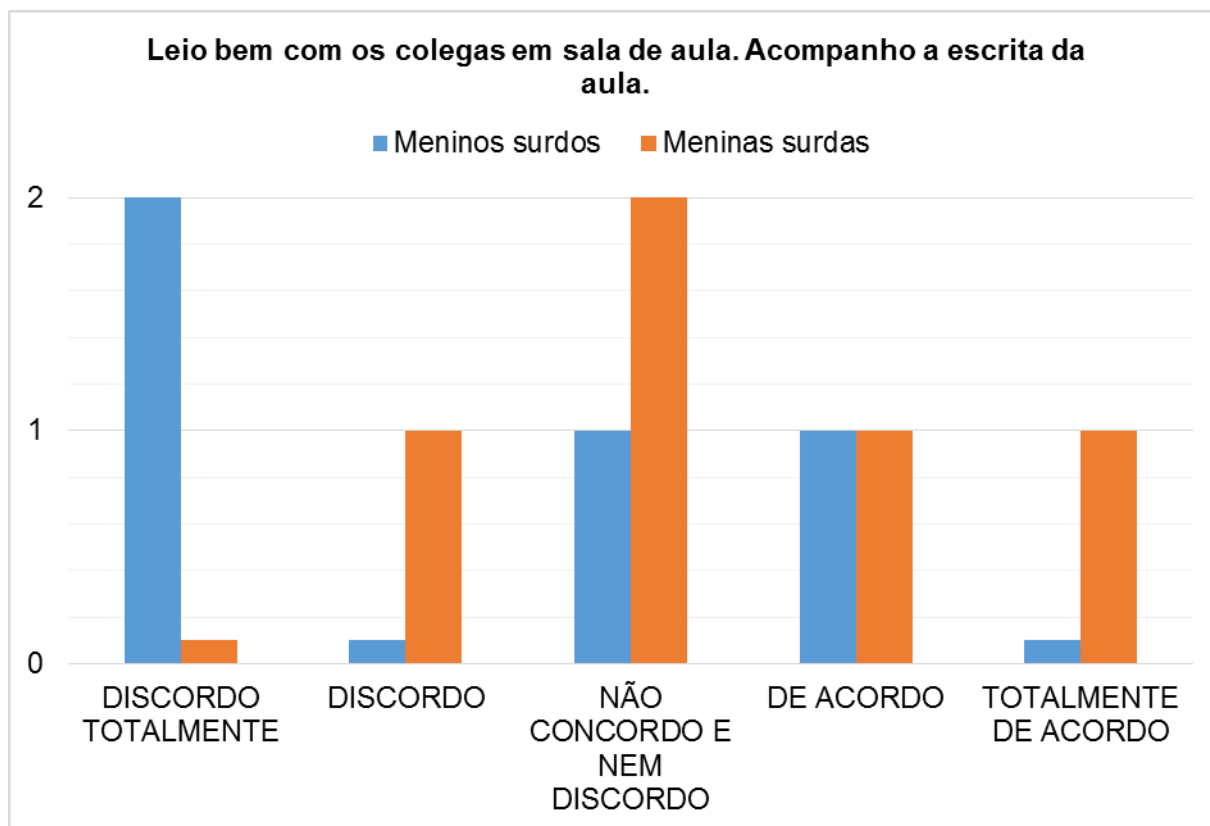
- não discordo/nem concordo (resposta neutra);
- concordo;
- concordo totalmente.

Na maioria das vezes, as alunas concordaram totalmente, porém, uma delas está sempre em dificuldades, como podemos observar no gráfico (5 e 6).

A escala algedônica **A**: foi elaborada de acordo com nível de concordância e discordância, com a seguinte assertiva: “Leio bem com os colegas em sala de aula. Acompanho a escrita da aula”.

Atentamos que a maioria das alunas se encontrou em concordância, mas uma delas sentiu dificuldades para ler com os colegas e acompanhar a escrita. Isso é considerado alarmante, dado que leva a um baixo desempenho escolar, que pode causar a reprovação, a evasão e o abandono.

Gráfico 3: Resultados da pesquisa escala A alunas e alunos surdos.



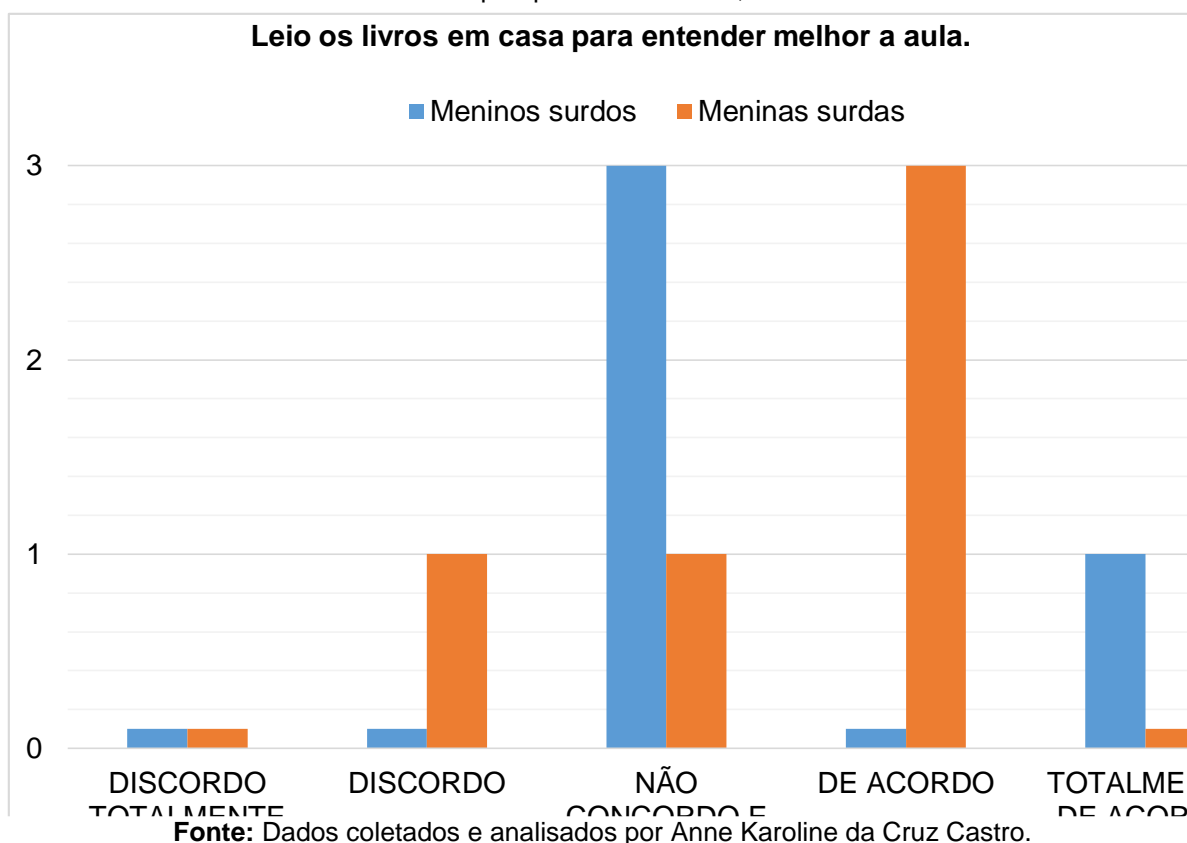
Fonte: Dados coletados e analisados por Anne Karoline da Cruz Castro.

Observamos que as alunas possuem uma boa comunicação com os intérpretes de língua de sinais, uma vez que o papel é auxiliar no processo de

comunicação com os ouvintes. As alunas possuem uma personalidade peculiar, pois são ativas, interessadas e sempre questionam. Diferentemente das alunas, os alunos responderam na escala **A**: que há discordância e isso acontece por conta dos resultados estarem poucos distribuídos na concordância (Gráfico 3).

Configura-se em tal resultado porque tem um número menor de alunos em sala de aula e também foi possível averiguar que é necessário dialogar para haver uma aproximação com os colegas ouvintes que não conhecem a Língua Brasileira de Sinais. Dessa forma, os alunos são mais tímidos ao participar da aula, independentes e ativos em alguns momentos; isto faz com que não peçam ajuda e, conseqüentemente, tenham dificuldades em executar a atividade.

Gráfico 4: Resultados da pesquisa da Escala B, alunas e alunos surdos.



A escala **B**: foi elaborada de acordo com nível de concordância e discordância, com a seguinte assertiva: “Leio os livros em casa para entender melhor a aula”. A maioria das alunas realiza as leituras fora de aula, mas uma não faz leitura em casa (Gráfico 4).

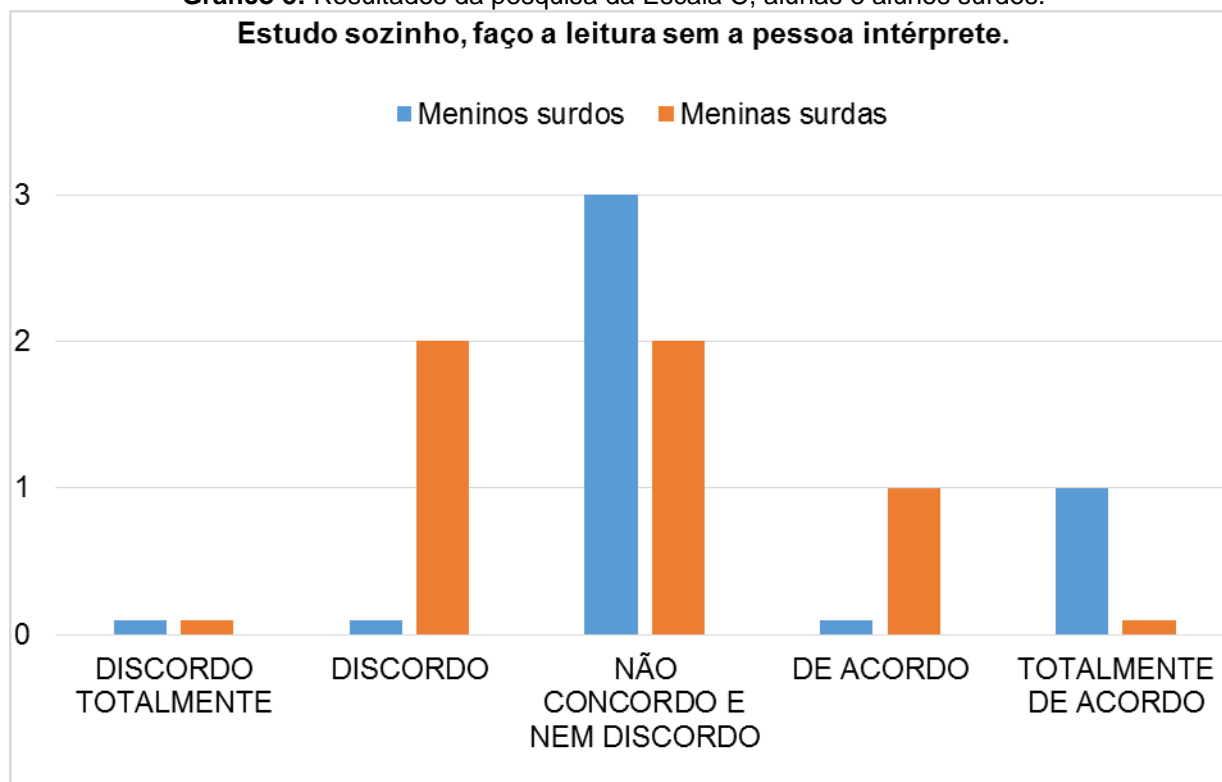
Esse é um dado essencial para a pesquisa, pois mostra o quanto as alunas surdas estão motivadas e empenhadas ao praticarem da leitura em sala de

aula e em casa. Também os resultados revelam que a família, além dos professores, dá todo o suporte para desenvolverem o hábito da leitura.

Em seguida, os alunos mostram discordância, pois apenas um realiza a leitura em casa para que haja uma melhor compreensão do conteúdo exposto em sala de aula. Porém, é importante fazer uma ressalva, pois houve três participantes que marcaram uma questão neutra, ou seja, não concorda e nem discorda.

A escala **C**: foi elaborada de acordo com nível de concordância e discordância, com a seguinte assertiva: “Estudo sozinho, faço a leitura sem a pessoa intérprete”. Os dados da tabulação apontam que a maioria das alunas surdas não consegue desenvolver a leitura sem o auxílio do intérprete de Libras (gráfico 5).

Gráfico 5: Resultados da pesquisa da Escala C, alunas e alunos surdos.



Fonte: Dados coletados e analisados por Anne Karoline da Cruz Castro.

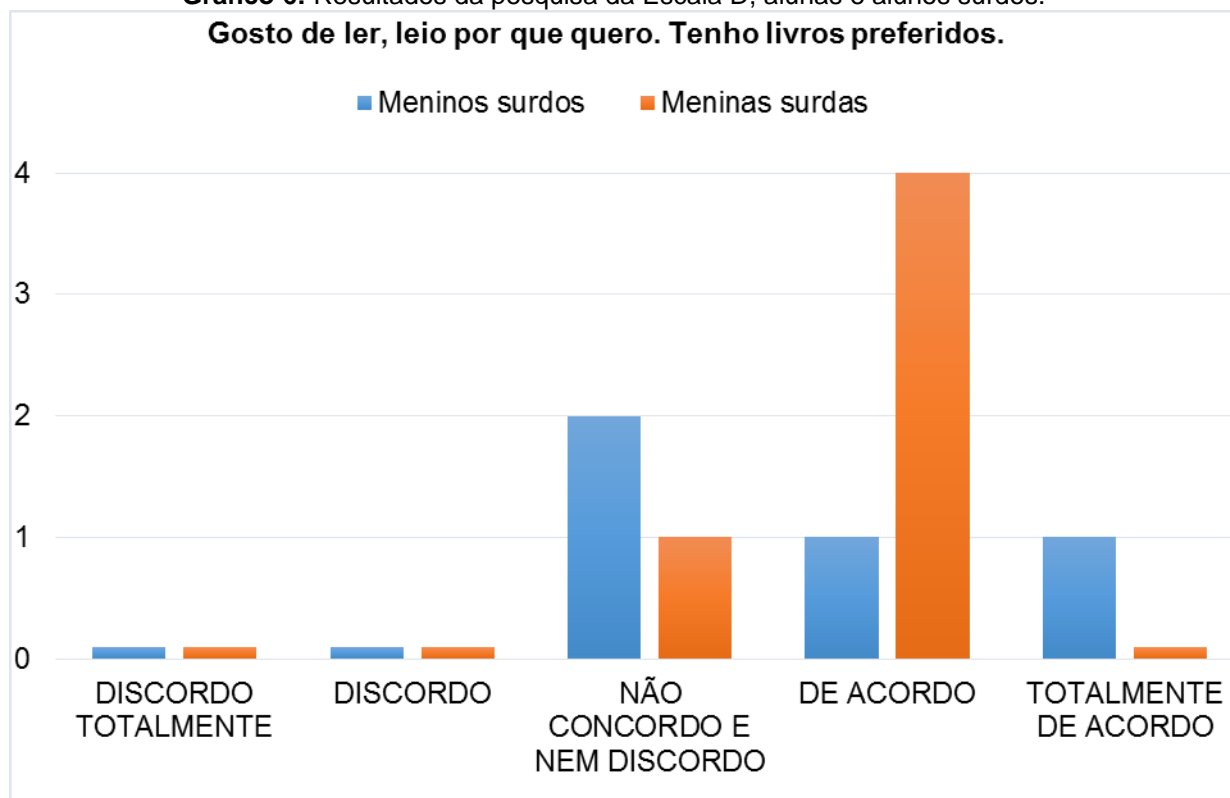
Isso reforça a análise da escala **B**, de que a família dá o suporte para desenvolver o hábito de leitura em casa (Gráfico 4). Isso é evidente, pois demonstra que na prática da leitura, é necessária a presença do intérprete para sinalizar.

Porém, as alunas conseguem melhores resultados na escola, uma vez que as mesmas tem a presença de intérpretes e também das colegas, com as quais é possível trocar ideias em Libras e avançar nas leituras.

Podemos citar diretamente uma das análises de Oliveira (2017), quando elaborada em relação à leitura de adaptações literárias em quadrinhos para discentes universitários surdos, na qual é possível verificar que os estudos de campo coincidem nesse quesito, mesmo com faixas etárias e objetivos de leitura diferentes.

Os alunos surdos concordam que conseguem realizar as leituras sem o amparo do intérprete de língua, professores e colegas. Dessa forma, mostra que uma das características mais marcante no momento da leitura é a individualidade e a independência. Diferentemente das alunas que mantem uma relação de coletividade ao desempenhar as atividades em sala de aula.

Gráfico 6: Resultados da pesquisa da Escala D, alunas e alunos surdos.



Fonte: Dados coletados e analisados por Anne Karoline da Cruz Castro.

A escala **D**: foi elaborada de acordo com nível de concordância e discordância, com a seguinte assertiva: “Gosto de ler, leio por que quero. Tenho livros preferidos”. Os resultados dessa escala mostram que as alunas surdas estão em concordância com o gosto de leitura, de modo que se sintam seguras nos gostos e preferências de leitura (Gráfico 6). Conforme a literatura, as meninas tendem a

conseguir mais resultados na escola, pois conseguem trabalhar em grupo melhor do que os rapazes (OLIVEIRA, 2017).

Na escala **D**: os dados indicam que os alunos também têm livros preferidos e estão em concordância, porém, precisam desenvolver em relação ao gosto e preferência de leitura em razão de criar novas técnicas para melhorar, aperfeiçoar e aprimorar o hábito de leitura (Gráfico 6). Na verdade, o comportamento dos meninos é mais solitário e muitas vezes o desafio da leitura no lar também tem outros atrativos de lazer para dividir (OLIVEIRA, 2017).

O questionário foi proposto para os alunos surdos, que estão no ensino fundamental e ensino médio com o intuito de contribuir e potencializar o hábito de leitura. Com isso, é importante colocar que os estudantes estão interessados em melhorar as habilidades e competências. Contudo, foi constatado que as alunas surdas não são tão independentes no que diz respeito à leitura.

Em geral, os adolescentes buscaram as leituras, gostaram muito da atividade e se comportaram de uma forma aproximada para ambos os sexos. Porém, as alunas deram preferência aos quadrinhos de terror e aos temas históricos, enquanto os alunos do sexo masculino procuraram mais os quadrinhos com propostas divertidas.

O que chamou a atenção dos educadores presentes foi o engajamento dos alunos em geral na atividade, o período de concentração na leitura, a vontade individual de desvendar o texto em quadrinhos e os pedidos de continuidade da atividade desenvolvida. É muito difícil para os professores e profissionais da educação, nos dias atuais, obterem a concentração dos alunos com tantas opções de divertimentos nos *smartphones* e suas redes sociais.

Dessa forma, os resultados atingiram os objetivos da pesquisa, colocando em prática todo o conhecimento adquirido, através do levantamento bibliográfico. Essa vivência bem como a pesquisa na área da Ciência da Informação mostrou que a mediação de leitura foi significativa para os participantes surdos e trouxe gosto pela leitura de forma bem evidente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo foram abordadas importantes práticas que estão relacionadas à mediação de leitura em histórias em quadrinhos do aluno surdo. Esta pesquisa buscou investigar as histórias em quadrinhos na formação do leitor surdo com o objetivo de formar hábitos e gostos leitores entre os jovens, mesmo sendo uma inquietação tanto dos bibliotecários quanto dos professores.

A presente pesquisa se justificou por suas reflexões e importância que devem auxiliar os profissionais Bibliotecários e os leitores surdos com as novas descobertas. Isto para promover a inclusão nas escolas, universidades e bibliotecas públicas.

A produção do estudo e a fundamentação possibilitaram o enriquecimento e aperfeiçoamento do conhecimento sobre a problemática referente à leitura visual de estudantes surdos em níveis fundamental e médio. Também foi exposto que o letramento pode ser visto em diversas esferas, enfoques e dimensões da área educacional, já que bibliotecas e escolas não são equipadas de maneira adequada para formar leitores surdos.

Por isso, foi necessário colocar em prática todo o aprendizado que foi adquirido durante a graduação do curso de Biblioteconomia, nas sondagens em campo, na qual propiciou mediar à leitura visual de alunos surdos. Durante a vivência, podemos provocar a curiosidade e o interesse pela leitura, mostrando a importância do hábito de leitura, além do gosto e preferências leitoras, no meio escolar e social, com a exploração do conhecimento de mundo e conhecimento interacional.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo fato dessa área ser considerada escassa, além de ser um problema que não é facilmente solucionado em Sergipe, uma vez que os surdos têm pouco apoio da sociedade, com isso os funcionários da escola ficam com receio em receber o pesquisador na instituição.

No tocante os objetivos específicos, constatamos que os surdos se relacionaram bem com o gênero literário das histórias em quadrinhos, visto que facilitou a interpretação do texto, mediante a leitura visual, com a condição de que a leitura não seja uma obrigação, mas um deleite. Dessa forma, é possível viabilizar que o professor desenvolva atividades de leitura, bem como contribua para a fluência na L1 (Libras) e para o progresso leitor em relação à leitura.

A mediação de leitura com as HQ's foi fundamental para despertar o interesse do surdo pela leitura, durante as fases iniciais da educação, como também para o andamento de alfabetização. Essa pesquisa conseguiu atingir o objetivo geral que foi incentivar e mediar a leitura com o recurso pedagógico acessível, na evolução da leitura dos estudantes surdos.

Assim, os resultados apontaram que os professores e alunos se sentiram motivados com a proposta desse trabalho, já que os alunos surdos conseguiram relacionar a leitura da imagem à compreensão leitora e desenvolverem as atividades do gênero HQ.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, C. **Estratégias de leitura e compreensão de crianças surdas bilíngues do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Fonoaudiologia, Universidade Veiga de Almeida: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp117569.pdf>>. Acesso em: 03 de maio 2018.
- ARANHA, M. L. A; MARTINS, H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- BARI, V. A. A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo. In: MODENESI, Thiago Vasconcelos (org.); BRAGA JÚNIOR, Amaro X. (org.). **Quadrinhos e educação**: procedimentos didáticos. Jaboatão dos Guararapes: SOCEC, 2015.
- _____. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, USP, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.
- BARI, V. A.; VERGUEIRO, W. C. S. Biblioteca escolar, leitura e histórias em quadrinhos: uma relação que se consolida. **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, João Pessoa, 2012. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/77>>. Acesso em: 06 de março 2018.
- BARRETO, A. M. **Os espaços da leitura**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BATISTA, F. M. R. C. **Concepções do professor de arte sobre aspectos de sua formação para atuar com alunos surdos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho: São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123966>>. Acesso em: 26 de maio de 2018.
- BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou Lógica? Os surdos e sua produção linguística**. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
- BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BRASIL. C.C. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2018.
- _____. **Manifesto Unesco sobre bibliotecas**. Brasília: MEC, 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394). Brasília: Esplanada dos Ministérios, 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 28 de maio de 2018.

_____. **Educação especial e educação dos Surdos**. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SECADI, 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

_____. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Lei nº 10.436). Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

_____. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Decreto n. 10.098). Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

_____. **Abnt NBR 6023:02**. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

_____. **Abnt acessibilidade a edificações, mobiliário espaços e equipamentos urbanos**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 17 de maio de 2018.

_____. **Saberes e Práticas da Inclusão**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

_____. **Regulamentação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Decreto n. 12.319). Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 13 de junho de 2018.

_____. **Regulamentação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Decreto nº 5.626). Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 13 de junho de 2018.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SECADI, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 17 de maio de 2018.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 17 de maio de 2018.

CALDIN, C. F. **Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar**. Revista ACB, v.10, n.2, 2005. Disponível em:<<https://revista.acbsc.org.br/racb/issue/view/33>>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

CAREGNATO, S. E.; SILVEIRA, M. A. A. **Demarcações epistemológicas dos estudos de citação: teorias das citações**. Em Questão, Porto Alegre. v. 23, n. 3, 2017.

CARVALHO, D. B. A. de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil**. (Tese de Doutorado em Letras) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2118>>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

CARVALHO, J. M; REDONDO, M. C. F. **Caderno da TV Escola: Deficiência Auditiva**. Brasília, 2001.

CIRNE, M. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1998.

COLOMER, T.; TEBEROSKY, A. **Apreender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

COUTINHO, L. **Os gatos: bigodes ao léu**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. Dilemas na Construção de Escalas Tipo Likert: o Número de Itens e a Disposição Influenciam nos Resultados. **Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 6, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1386/1184>>. Acesso em: 08 de julho de 2018.

DANTAS, C. S.; SILVA, T. V. G. da; SOUZA, A. C. B. Processo de recuperação da informação: barreiras encontradas pelos usuários. **Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/21257>>. Acesso em: 08 de julho de 2018.

DÓRIA, A. R. F. **Compêndio para a educação da criança surda-muda**. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

EISNER, W. **Um contrato com Deus**. Estados Unidos: Baronet Book, 1978.

FALCÃO, L. A. **Surdez, cognição visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. Recife: Ed. do Autor, 2010.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. , São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

GUIMARÃES, A. D. S. **Leitores Surdos e acessibilidade virtual**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional Tecnológica Inclusiva) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

SESI, S. S. I. **SESINHO: dinheiro de sobra**. 86 ed. Rio de Janeiro: Sesi, 2001. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/educacao/sesinho-2-serie-n-86/se191200/82350/>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

KALATAI, P.M.; STREIECHEN, E. M. As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil. In: **Anais de congresso**, Paraná, 2. ed., 2012. Disponível em: <<https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>>. Acesso em 23 de março de 2018.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Em aberto, Campinas, v.26, n.69, 2006.

_____. O que dizem\sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. **Em aberto**, v.13, n.2, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LEBEDEFF, T. B. Análise das estratégias e recursos "surdos" utilizados por uma professora surda para o Ensino de Língua. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**: Goiás, n. 28, 2006.

LIMA, A. K. V. **Lampião: era o cavalo do tempo atrás da besta da vida**. 5. ed. São Paulo: FDE, 2000.

LUSSATO, Bruno. **Informação, Comunicação e Sistemas: teoria da imprinting e elementos para uma teoria da informação psicológica**. Lisboa: Dinalivro, 1991.

MACEDO, N. D. **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: SENAC, 2005.

MACHADO, P. C. Integração/Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, R. M. (Org.) **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul, 2006.

MASTROBERTI, P. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. **Revista Semioses**. Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), v. 1, n. 8, 2011.

OLIVEIRA, C. A. *et al.* Surdez neurossensorial de origem infecciosa. **Gen.**, v. II, 2011.

OLIVEIRA, F. B. Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de Libras. **Revista Diálogos & Saberes**, Mandaguari, v. 8, n. 1, p. 93-108, 2012.

OLIVEIRA, R. S. F. De. **A mediação de leitura literária para surdos utilizando o recurso da quadrinização**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Biblioteconomia), Departamento de Ciência da Informação/UFS; São Cristóvão, 2017.

PEDRINELLI, V. J.; VERENGUER, R. C. G. Educação física adaptada: introdução ao universo de possibilidades. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2 ed. Barueri: Manole, 2008.

PEREIRA, *et al.* **A Biblioteca, o Bibliotecário e o Usuário Surdo: o processo de mediação da informação na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**. **Anais**, Florianópolis: Febab, 2013.
Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1599/1600>>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

PUPO, D. T.; VICENTINI, R. A. B. **A integração do usuário portador de deficiência às atividades de ensino e pesquisa: o papel das bibliotecas virtuais**. 2002. Disponível em:
<<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=1122>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2018.

QUADROS, R. M; SCHMIEDT, L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, 2006.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2009.

REBOUÇAS, L.S; AZEVEDO, O.M. A centralidade da língua para os surdos: pelos espaços de convivência e uso da LIBRAS. **Anais Seminário Nacional sobre história e identidade cultural dos povos surdos**. Natal, 2011.

RIBEIRO, L.V. M. O papel do bibliotecário escolar na educação de surdos: promovendo o acesso à informação por meio da Libras. **Revista ABCI**, 2012.

RUBINSTEIN, E. (org.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002

SACCO, dos J. **Palestina: uma nação ocupada**. 5. ed. São Paulo: Conrad, 2004.

SANDRONI, L.C.; MACHADO, L.R. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática 1998.

SANTOS, L. F., LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. **Caderno Cedes**, Campinas, 1998. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/26356697_Um_pouco_da_historia_da_s_diferentes_abordagens_na_educacao_dos_surdos>. Acesso em: 20/03/2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2013.

SIQUEIRA, A. B. **O gênero história em quadrinhos na escrita do surdo**. Dissertação de mestrado/ UFP: João Pessoa, 2008.

SILVA, L. B. S. **O tico-tico**. São Paulo: Malhos, 1948.

SILVA, C. O. **Biblioteca Inclusiva: existe?** Campinas, 2012.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SKILIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1995.

SOUZA, V. R. **A Educação dos surdos em Aracaju**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

SOUZA, R. C. C. **Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, leituras e conquistas**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2005.

SOUZA, S. J. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2006.

SOUZA, V. R. M. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. São Cristóvão-SE: Editora da UFS: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

SRBEK, W.; COLIN, F. **Fantasmagoriana**. 3. ed. Belo Horizonte: Nemo, 2013.

STUMPF, M. R. **Educação de surdos e novas tecnologias**. São Paulo: Contexto, 2010.

VALENTINE, C. B.; BISOL, C. A. **Surdez: o desafio da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 2011.

VEER, R. V. D; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese**. São Paulo: Loyola, 1996.

VERGUEIRO, V.; RAMOS, P. **Quadrinhos na educação**: da rejeição a prática. São Paulo, 2009.

VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

VIEIRA, L. C. B. **Biblioteca Inclusiva**: repensando políticas de acesso e inclusão para deficientes auditivos na Universidade Federal do Maranhão. Dissertação de Mestrado/UFMA, 2014. Disponível em:<www.periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/viewFile/17882/11099>. Acesso em: 18 de março de 2018.

WILCOX, S.; WILCOX, P. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara azul, 2005.

WATTERSON, B. **O ataque dos transtornados monstros de neve: mutantes assassinos**. 2. ed. Estados Unidos: Best News, 1958.

WITKOSKI, S. A. **Surdez e preconceito**: a norma da fala e o mito. São Paulo, 2009.

ANEXO A- TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “INCENTIVO A LEITURA PARA AS CRIANÇAS SURDAS POR MEIO DA LEITURA MEDIADA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Anne Karoline da Cruz Castro**, sob orientação da Bibliotecária e Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari, a qual pretende verificar a possibilidade do incentivo da leitura para surdos, utilizando as histórias em quadrinhos como recurso de mediação, ampliação de vocabulário e contato com a cultura escrita. Sua participação é voluntária e se dará por meio de vivência de leitura mediada de HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ORIGINAIS, organizada pela Anne Karoline, com apoio de ficha de orientação, vocabulário, dicionários e a presença de tradutores de Libras. Depois da vivência, vamos coletar a opinião dos participantes, por meio de entrevista com três questões e questionário com escalas likert. O risco decorrente da sua participação na pesquisa é a descoberta da dificuldade da leitura, pois o leitor surdo será desafiado a vencer uma dificuldade. Se você aceitar participar, estará contribuindo para melhorar os conhecimentos sobre a formação de leitores surdos. Se depois de consentir em sua participação ou a de menores sob sua responsabilidade, o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora, pelo Whatsapp do telefone (79)98808-1407, ou poderá entrar em contato com o Departamento de Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe -- DCI.

Consentimento Pós-Informação Eu, (seu nome completo) _____

_____, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Caso eu tenha menos de 16 anos, também necessito do consentimento de meus pais ou responsáveis.

Nome: _____

CPF: _____

Assinatura do participante

Nome e Assinatura de responsável legal

Data: ____/____/____



ANEXO B – PESQUISA DE OPINIÃO EM ESCALA LIKERT

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
---	---

Analise as seguintes afirmativas e marque a nota na escala *likert*:



Escala A

Leio bem com os colegas em sala de aula. Acompanho a escrita da aula.

				
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	De acordo	Totalmente de acordo
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



Escala B

Leio livros em casa para entender melhor as aulas.

				
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	De acordo	Totalmente de acordo
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



Escala C

Estudo sozinho, faço a leitura sem pessoa intérprete.

				
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	De acordo	Totalmente de acordo
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Escala D

Gosto de ler, leio por que quero. Tenho livros preferidos.

				
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	De acordo	Totalmente de acordo
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

ANEXO C – ENTREVISTA

ENTREVISTA

ENTREVISTA ESTRUTURADA PARA RESPOSTA VOLUNTÁRIA APÓS A VIVÊNCIA DE LEITURA MEDIADA

- Enredo: *Você é capaz de escrever a história que leu de forma resumida, descreva?*

- Vocabulário: *Alguma palavra lhe chamou mais atenção? Descreva o significado da palavra?*

- Interpretação/afetividade: *O que você sentiu ao ler o texto? Emoção? Surpresa? Susto?*

ANEXO D – EXEMPLO DE FICHA DE LEITURA PARA SURDOS

CURSO: BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO	
Componente Curricular: Trabalho de Conclusão de Curso II	CÓDIGO CINFO 0055 SEMESTRE/ANO 1º/2018
DISCENTE: Anne Karoline da Cruz Castro – Matrícula UFS 201110027914	
DOCENTE RESPONSÁVEL: Profa. Dra. VALÉRIA APARECIDA BARI	
TÍTULO DA HQ	
<i>Fastasmagoriana e outros contos sombrios de Wellington Srbek e outros.</i>	
PÚBLICO ALVO	
Leitor surdo em processo (médio)	
COMENTÁRIO SOBRE A OBRA	
<p>Três histórias curtas de terror. “Companhia das Sombras” é no passado, Brasil Colônia, cidade Vila Rica, onde tinha minas de ouro e mistérios, fantasmas. “Admirável Novo Mundo”, mostra ladrões do passado, que vão enfrentar pessoas imortais. ‘Uma Noite no Fim do Mundo’, com fantasmas de brasileiros famosos. Bem assustador. Necessita do uso de dicionário e acompanhamento de intérprete, pelo menos no começo da leitura.</p>	
RESENHA	
<p>Quando você viaja passear ou trabalhar, sempre tem surpresa cidade diferente. Viajante chegou cidade encontrou enterro misterioso. O que acontecerá? Quando dois ladrões convidados para uma festa diferente, cheia gente estranha, o que acontecerá? Noiva famosa casará, jornalista filma, qual será a surpresa convidados?</p>	

ANEXO E– VOCABULÁRIO DE APOIO

VOCABULÁRIO DE APOIO
<i>APROUVER = AGRADAR, DAR PRAZER.</i>
<i>DESCABIDA = IMPRÓPRIO, ERRADO.</i>
<i>EXCÊNTRICO = COMPORTAMENTO DIFERENTE, ESTRANHO.</i>
<i>FUNEBRE= IDEIA DE MORTE, ENTERRO.</i>
<i>HUMILDE = SIMPLES.</i>
<i>LUXÚRIA = EMOÇÃO SEXUAL, DESEJA CORPO DO OUTRO.</i>